

# **Topicalização e Objeto Nulo em Português L2**

**Mariana Rosa Moita Silva**

**Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem –  
Psicolinguística**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de  
Mestre em Ciências da Linguagem- Psicolinguística, realizada sob a orientação científica da  
Professora Doutora Ana Madeira

## [DECLARAÇÃO]

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

---

Lisboa, .... de ..... de .....

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

A orientadora,

---

Lisboa, .... de ..... de .....

*“Tanto ruído no interior deste silêncio: são as vozes dos outros a falarem em mim, pessoas de quem gostei, pessoas que perdi, gente que tenho ainda.”*

— António Lobo Antunes

## AGRADECIMENTOS (*segundo a antiga norma ortográfica*)

Nesta altura, espero!, serei indiferente a pouca da gente com quem me cruzei. E ainda bem. Esta foi a primeira grande lição nesta *mui nobre* instituição. Tinha razão, **Professora Doutora Clara Nunes Correia!** De que material são feitas as pessoas insípidas? Alguém quererá saber?

Pela mesma altura, aprendi que se procurarmos no quinto rectângulo da calendarização, encontramos a data da publicação da primeira Gramática da Língua Portuguesa, de João de Barros. Será que em 1540 já havia destas **epifanias**?

Um pouco mais tarde, “**NÃO**”. Imagino uma criança pequena, de olhos arregalados, a perguntar insistentemente “Como é que consegue?”. Era eu. Recordo-me da resposta, ainda que não saiba precisar as palavras: “Consegue. Às vezes é necessário. Não podemos dizer que sim a tudo.” Pensei: coragem - essa voz que, ausentando-se, nos abafa os gritos. Pelos vistos, também a coragem é uma questão de hábito, só precisamos de um “**PreTexto**” para começar. Muito obrigada, **Professora Doutora Antónia Coutinho.**

Relembro agora um passado recente. Outubro de 2011. De entre uma quantidade considerável de pessoas, reparo numa em particular. Estava frio, sol e era cedo. E estava lá. Tranquila. Estava lá. Com um olhar quase **maternal** que dizia “Força!”. Estava lá. Não tinha de lá estar, mas fez questão de estar. E estas coisas não se esquecem, **Professora Doutora Maria do Céu Caetano!**

Prossigo, dedicando este quinto parágrafo a alguém que, ainda que com relativo mau gosto no que à literatura diz respeito, me mostrou que conversas triviais se tornam mais agradáveis quando sabemos que é apenas uma de muitas opções. Pelo **sentido de humor** e, acima de tudo, porque fica sempre bem e eu preciso de garantias financeiras até 2013, não vá a FCT tecê-las, um muito obrigada **Professor Doutor João Costa.**

Inevitável pensar agora no **Professor Doutor Nino Grillo**. Nino, once, for you, I have to write in English, I will just write a couple of things. Thank you for the help, the geniality, the ability to teach us the wonderful world of psycholinguistics, and... well! I could write more

things, but I want to have adults **learning Portuguese as a second language**, so, if you want to read more, learn Portuguese! Then, we talk!

Suponho que, nesta altura, já deva ter lágrimas a rolar-me no rosto. Hora certa, então, para referir o responsável pelo facto de um amontoado de caracteres, com muito querer e pouco saber, se ter tornado numa tese. Não é com modéstia que o digo. A modéstia parece-me algo de uma inutilidade quase abjecta. É com justiça. As minuciosas correcções, o apoio incondicional, a simpatia, o espírito de sacrifício. Foi uma escolha. E continuaria a ser. Uma das poucas palavras que encaixa no que sou – **sintaxe** - foi-me dada a conhecer por si, entre os “Sim? Sim? Não!” que lhe são tão característicos e a forma com que simplifica uma história difícil. Foi um prazer trabalhar consigo todos estes anos. Tenho a sensação de que nunca lhe fiz uma pergunta à qual não me soubesse responder. Escolhê-la-ia de novo, se tivesse essa oportunidade. Termino este pequeno parágrafo com um cliché, de que não me orgulho especialmente, mas do qual necessito agora. Isto não é um adeus, é um até já, **Professora Doutora Ana Madeira**.

**Avó, Avô, Mãe, Pai**. É injusto que não me ocorram palavras. Lembro-me de imagens, cheiros, sons, mas não me recordo de nenhuma palavra. De nenhuma que vos faça jus, pelo menos. Falarei de quê? Dos serões de conversas intermináveis, Avó? Das tardes na Ermida de Nossa Senhora das Pazes, Avô? Das escapadelas para-onde-for, Mãe? De literatura e outras artes, Pai? Foi tanto, e parece tão pouco. Não me atrevo a ofender-vos com palavras vãs. Pela magnitude do amor que vos tenho, **aceitem o meu silêncio!**

Esta secção não faria sentido se não referisse nela o meu grande, grande, grande amigo **Valter Esteves**. Um irmão. Um pilar. E o responsável por alguns dos meus melhores **sorrisos**.

Chamo agora ao “palco”, sem mais demoras, a minha grande amiga **Isabel Capucho**. Pelas longas caminhadas, conversas, cafés e quase-multas que me têm feito **rir** sem parar. Nada pode comprar isso.

É, também, com um enorme gosto que agradeço ao meu querido amigo e colega **Dr. Sandro Rocha Dias**, pela disponibilidade, pela boa disposição e pelo profissionalismo com que transformou papéis amarrotados em “**coisas de jeito**”.

Um grande agradecimento ao **Dr. David Monteiro**, seguido de um aplauso pelo **artista** que é.

Termino referindo algo para mim indispensável. O nome daquela que, acolhendo-me em todos os momentos como se dela fizesse parte, será sempre a minha cidade de eleição: **Porto!**

# Topicalização e Objeto Nulo em Português L2

Mariana Rosa Moita Silva

**Resumo:** Neste estudo, testámos falantes de espanhol que aprendem português como segunda língua, com o objetivo de investigar a sua sensibilidade a restrições sintáticas e de especificidade em construções de Topicalização e Objeto Nulo. As hipóteses colocadas previam, seguindo a hipótese de Transferência Plena/Acesso Pleno (Schwartz & Sprouse 1994), que os falantes de nível elementar transferissem as propriedades da sua L1 e que os falantes de nível avançado já tivessem adquirido as propriedades da L2. Previam-se, também, que os juízos para as construções de Topicalização fossem paralelos aos juízos para as construções de Objeto Nulo, dado tratar-se de duas construções de tópicos marcados com as mesmas propriedades associadas, segundo a literatura. Os resultados mostraram que o grupo elementar não transferiu propriedades da L1, que o grupo avançado adquiriu as propriedades da L2 e que os juízos para Topicalização e Objeto Nulo foram paralelos. Outro dado que os resultados revelaram foi que houve uma preferência por construções de Deslocação à Esquerda Clítica e construções com clítico, por comparação com as construções de Topicalização e Objeto Nulo. Propomos, no final deste trabalho, e a título de conclusão, que essa preferência se relaciona com o facto de as primeiras construções serem mais fáceis de processar que as segundas (Abalada 2011).

**Palavras-chave:** Topicalização, Objeto Nulo, Especificidade, Restrições Sintáticas, Transferência de L1, Aquisição de L2, Processamento

**Abstract:** In this study we tested Spanish-speaking learners of Portuguese, with the goal of investigating their sensibility to syntactic constraints and topic specificity in Topicalization and Null Object constructions. Following the Full Transfer/Full Access Hypothesis (Schwartz & Sprouse 1994), we predicted that at an elementary level, there would be L1 transfer of the relevant properties, that at an advanced level, the target specificity constraints of each of the constructions would have been acquired and that there would be a correlation between the results of Top and null objects, revealing that these two constructions correspond to the same structure. No evidence of L1 transfer was found either at the elementary or at the advanced level. At the advanced level, students have already acquired L2 semantic and syntactic properties. The link between Topicalization and Null Objects seems to have been established by both groups. Another conclusion of our study was that both groups prefer Clitic Left Dislocation and constructions with clitics over Topicalization or Null Objects. We propose, in conclusion, that this preference results from the fact that the former are easier to process than the latter.

**Key-words:** Topicalization, Null Object, Specificity, Syntactic Constraints, L1 transfer, L2 Acquisition, Processing



# Índice

	<b>Páginas</b>
<b>0. Introdução</b>	<b>1</b>
<b>1. Construções de Tópicos Marcados</b>	<b>2</b>
1.1. O que são Tópicos Marcados?	2
1.1.1. Construção de Tópico Pendente e Deslocação à Esquerda	3
1.2.1. Hipóteses que preveem movimento do tópico para a periferia esquerda da frase nas construções de Topicalização	7
1.2.2. Hipóteses que não preveem movimento do tópico nas construções de Topicalização	9
1.2.3. O caso da Deslocação à Esquerda Clítica	11
1.3. Síntese	12
<b>2. O Objeto Nulo como um caso particular de Topicalização</b>	<b>14</b>
2.1. O Objeto Nulo e a Elipse de VP	14
2.2. O Objeto Nulo e a Topicalização	14
2.3. Propostas de Análise para as Construções de Objeto Nulo	16
2.4. Síntese	18
<b>3. Contraste entre o Português e o Espanhol em Construções de Tópicos Marcados</b>	<b>19</b>
3.1. Contraste entre o português e o espanhol	19
3.2. Síntese	21
<b>4. Alguns Estudos de Aquisição de Tópicos Marcados (L1 e L2)</b>	<b>23</b>
4.1. Aquisição de L1	23
4.1.1. Aquisição de Estruturas de Topicalização	23
4.1.2. Aquisição de Estruturas de Objeto Nulo	25
4.1.3. Síntese	26
4.2. Aquisição de L2	27
4.2.1. Aquisição de Estruturas de Topicalização	28
4.2.2. Aquisição de Estruturas de Objeto Nulo	31
4.3. Síntese e Comparação com Aquisição de L1	35
<b>5. Estudo: hipóteses, metodologia, resultados, análise e discussão</b>	<b>37</b>
5.1. Hipóteses	37
5.2. Estudo	38
5.2.1. Participantes	38
5.2.2. Procedimentos Gerais	38
5.2.3. Tarefa 1	39
5.2.3.1. Metodologia	39

5.2.3.2. Procedimentos	40
5.2.3.3. Resultados	40
5.2.4. Tarefa 2	42
5.2.4.1. Metodologia	42
5.2.4.2. Procedimentos	42
5.2.4.3. Resultados	43
5.2.5. Tarefa 3	44
5.2.5.1. Metodologia	44
5.2.5.2. Procedimentos	44
5.2.5.3. Resultados	45
5.3. Discussão de Dados	50
<b>6. Conclusões</b>	55
<b>Referências Bibliográficas</b>	57
<b>Anexos</b>	63
Anexo 1 - Tabela de Itens da Tarefa 1 (Produção Topicalização)	64
Anexo 2: Tabela de Itens da Tarefa 2 (Produção Objeto Nulo)	67
Anexo 3: Tabela de Itens da Tarefa 3 (Juízos de Gramaticalidade)	69
<b>CD-R</b>	
Dissertação PDF	
Tarefa de Produção de Topicalização	
Tarefa de Produção de Objeto Nulo	
Tarefa de Juízos de Gramaticalidade	
Resultados Individuais da Tarefa de Produção de Topicalização (Controlo)	
Resultados Individuais da Tarefa de Produção de Topicalização (Elementar)	
Resultados Individuais da Tarefa de Produção de Topicalização (Avançado)	
Resultados Individuais da Tarefa de Produção de Objeto Nulo (Controlo)	
Resultados Individuais da Tarefa de Produção de Objeto Nulo (Elementar)	
Resultados Individuais da Tarefa de Produção de Objeto Nulo (Avançado)	
Resultados Individuais da Tarefa de Juízos de Gramaticalidade (Controlo)	
Resultados Individuais da Tarefa de Juízos de Gramaticalidade (Elementar)	

## Resultados Individuais da Tarefa de Juízos de Gramaticalidade (Avançado)

## 0. Introdução

O espanhol e o português, apesar de serem línguas tipologicamente muito próximas, distinguem-se no que toca a construções de tópicos marcados. Em espanhol, quando o tópico é específico, insere-se obrigatoriamente um clítico no comentário. Caso contrário, a construção ocorre sem a presença do clítico. Assim, há uma divisão de tarefas no que respeita à Topicalização (Top) e à Deslocação à Esquerda Clítica (DEC) em espanhol: tal como em português, a DEC só é compatível com tópicos específicos; a Top, porém, ao contrário do que se verifica em português, está restrita a tópicos não específicos. Em termos de distribuição, no entanto, a Top é incompatível com ilhas fortes, em ambas as línguas (Duarte, 1987, 2003).

Existe um paralelismo entre estruturas de Top e estruturas com objeto nulo, dado que a categoria vazia em posição de objeto nulo é uma variável A'-ligada por um tópico foneticamente nulo (Huang, 1984; Raposo, 1986). Assim, em português, os contextos que excluem objetos nulos coincidem com aqueles em que não podem ocorrer construções de Top e, em espanhol, os objetos nulos estão restritos a contextos em que o antecedente é não-específico (Duarte 1987, 2003, Alamillo & Schwenter 2007).

Estudos prévios sobre a aquisição de construções de tópicos marcados em espanhol como segunda língua (L2) (e.g. Valenzuela 2006) revelam, em falantes quase-nativos, efeitos de influência da língua materna (L1), sendo esta influência mais evidente na aquisição de propriedades interpretativas que na aquisição de propriedades sintáticas.

Este estudo tem como objectivo testar a sensibilidade de aprendentes de português L2, falantes nativos de espanhol, à especificidade dos tópicos e a certas restrições sintáticas, em construções de Top e objeto nulo, permitindo verificar se os juízos feitos pelos falantes revelam influência da gramática da língua materna, e uma aquisição em progresso ou já uma aquisição plena das propriedades da gramática da língua segunda, através de três tarefas – duas de produção (*drag & drop* e produção elicitada) e uma de compreensão/juízos de gramaticalidade. Começamos, desta forma, por descrever as propriedades das construções de tópicos marcados, com especial ênfase em Top e em DEC, bem como algumas hipóteses sobre a sintaxe dessas construções (secção 1). De seguida, descrevemos algumas semelhanças entre as construções de Topicalização e de Objeto Nulo (secção 2), abordando, na secção 3, algumas diferenças entre o português e o espanhol. Na secção 4 apresentamos alguns dos principais estudos de aquisição de L1 e de L2 destas propriedades. Na secção 6, damos a conhecer o nosso estudo, analisando e discutindo os resultados.

## 1. Construções de Tópicos Marcados

### 1.1. O que são tópicos marcados?

Numa predicação, o tópico corresponde ao constituinte que “designa aquilo acerca de que se afirma, nega, ou questiona a propriedade expressa pelo predicado, que constitui o comentário acerca desse tópico”. (Duarte 2003: 316). Muitos autores propuseram uma estratégia para identificar o tópico frásico: quando se tratar de um tópico, este poderá ser complemento de uma expressão como “acerca de...”, num esquema do tipo “X está a afirmar acerca de **tópico** que F” (1).

(1)

(a) O João lava o carro todos os domingos.

Tópico	Comentário
--------	------------

(b) Eu estou a afirmar acerca do João que ele lava o carro todos os domingos.

Uma vez que o português é uma língua de proeminência de sujeito, nas frases declarativas não marcadas com sujeitos pré-verbais, à estrutura sintáctica sujeito-predicado corresponde a estrutura temática tópico-comentário, ou seja, o sujeito desempenha a função de tópico. Quando o tópico corresponde ao sujeito da frase designa-se por ‘tópico não-marcado’. Ao inverso, quando não há coincidência entre estruturas de tópico-comentário e de sujeito-predicado, estamos perante aquilo a que chamamos “tópicos marcados”.

As construções de tópicos marcados são, então, aquelas em “que um dado constituinte mantém a relação gramatical de sujeito e um constituinte distinto, mais ou menos fortemente associado com elementos internos à predicação e ocupando uma posição externa à oração, tem a função textual de tópico frásico” (Duarte 1987: 72). Duarte (1987, 2003) identifica as seguintes construções de tópicos marcados em português: Tópico Pendente, Deslocação à Esquerda, Topicalização e Deslocação à Esquerda Clítica (DEC).

Nesta secção, são descritas as principais propriedades que, de acordo com Duarte (1987, 2003), caracterizam cada uma destas construções, com particular destaque para a Topicalização e a DEC, duas das construções que constituem o objeto do nosso estudo.

### 1.1.1. Construção de Tópico Pendente e Deslocação à Esquerda

A frase em (2) ilustra a construção de **Tópico Pendente**, um tipo de construção de tópico marcado, com um grau muito pouco elevado de sintatização, isto é, em que não existe, no comentário, qualquer lacuna ou elemento pronominal que seja referencialmente dependente do constituinte com a função de tópico. Em (3) apresenta-se um exemplo de **Deslocação à Esquerda**, que se caracteriza, principalmente, pela propriedade de conectividade referencial, embora, à semelhança da construção de Tópico Pendente, apresente um baixo grau de sintatização.

(2) Bom... praias, adoro a Arrábida! (Duarte 1987: 78)

(3) O João ... ouvi dizer que ele tinha ido passar férias a Honolulu (Duarte 1987: 81)

### 1.1.2. Topicalização e Deslocação à Esquerda Clítica

A **Topicalização** e a **Deslocação à Esquerda Clítica** são outros exemplos de construções de tópico marcado, ilustrados nas frases (4) e (5), respectivamente.

(4) Piscina, não sabia que tinha [-] (Duarte 1987: 83)

(5) Os gerentes, trata-os como se fossem míseros contínuos (Duarte 2003: 495)

Algumas das **propriedades comuns** destas construções são as seguintes:

- O tópico apresenta um elevado grau de conectividade: referencial, categorial, casual e temática com uma expressão no interior do comentário (bem como concordância quanto a traços de pessoa, número e género).
- Não estão limitadas a contextos de frase-raiz, ocorrendo o tópico à esquerda de C em contextos de frase-raiz e à sua direita em contextos encaixados (6) e (7).

#### (6) Topicalização

(a) Ao Pedro, [scquem é que ofereceu um livro [-]]? (Duarte 2003: 497)

(b) Ela disse [scque, ao Pedro, ofereceu dois livros [-]] (Duarte 2003: 497)

#### (7) Deslocação à Esquerda Clítica

(a) Ao João, [scquem é que não lhe pagou o ordenado este mês?] (Duarte 2003: 495)

(b) Ela diz [scque, ao João, ainda não lhe pagaram o ordenado este mês] (Duarte 2003: 495)

- São construções recursivas (8) e (9).

#### (8) Topicalização

Dinheiro, ao João, é prudente não emprestar [-] [-] (Duarte 2003: 498)

#### (9) Deslocação à Esquerda Clítica

À Maria, essa história, ainda ninguém lha contou (Duarte 2003: 495)

- Apresentam sensibilidade a restrições de ilhas fortes (10a) e (11a)<sup>1</sup>, mas não de ilhas fracas (10b) e (11b).

#### (10) Topicalização

(a) \*Piscina, nunca fui a[o clube de golfe [que tem [-]]] (Duarte 2003: 498)

(b) O bolo, eu perguntei quando é que o João comprou [-]

#### (11) Deslocação à Esquerda Clítica

(a) \*Ao João, não encontro [artigos [que lhe possam ser úteis]] (Duarte 2003: 495)

(b) O bolo, eu perguntei quando é que o João o comprou [-]

Por outro lado, as duas construções **distinguem-se** nas seguintes propriedades.

- Enquanto, na Topicalização, o tópico está ligado a uma categoria vazia no interior do comentário, na DEC, ele está ligado a um elemento visível, sendo este elemento obrigatoriamente um clítico.
- A DEC cria ilhas tópicas mais fortes que a Topicalização (12) e (13).

#### (12) Topicalização

(?)Este é o criminoso [a quem<sub>i</sub> [a liberdade, nós não podemos conceder [-] [v]<sub>i</sub> de modo algum]] (Duarte 2003: 500)

#### (13) Deslocação à Esquerda Clítica

---

<sup>1</sup> Segundo Duarte (1987,2003), a DEC é sensível a ilhas fortes. No entanto, segundo Raposo (1998), apenas a Topicalização é sensível a ilhas fortes.

(i) Essas cartas, eu conheço [o rapaz [que as escreveu à Maria]] (Raposo 1998: 11)

(ii) Esses convidados, eu saí de casa [antes de a Maria os receber] (Raposo 1998: 11)

No entanto, isto só funciona com tópicos nominais (SD). Se o tópico for preposicional, como acontece com complementos indiretos, a construção apresenta sensibilidade a efeitos de ilha:

(iii) \*Ao Manel, eu conheço [a rapariga [que (lhe) escreveu essa carta]] (Raposo 1998: 10)

(iv) \*Ao Manel, eu saí de casa [depois de a rapariga (lhe) ter telefonado] (Raposo 1998: 10)

\*Este é o criminoso [a quem<sub>i</sub> [a liberdade, nós não podemos concedê-la [v]<sub>i</sub> de modo algum]] (Duarte 2003: 497)

- A DEC, ao contrário da Topicalização, não legitima lacunas parasitas, como se observa em (14) e (15).

**(14) Topicalização**

Esse artigo, o João discutiu [-] na aula [sem ter lido [-]] (Duarte 2003: 498)

**(15) Deslocação à Esquerda Clítica**

\*Esse artigo sobre forças fracas, o João discutiu-o [sem ter lido [-]] (Duarte 2003: 496)

- Ao contrário da Topicalização, a DEC não apresenta efeitos de cruzamento forte, como se pode verificar em (16) e (17).

**(16) Topicalização**

\*Esse rapazi<sub>i</sub>, disseram-me que ele<sub>i</sub> sabe que não procurámos[-]<sub>i</sub> (Barbosa: 2006)

**(17) Deslocação à Esquerda Clítica**

Esse rapazi<sub>i</sub>, disseram-me que ele<sub>i</sub> sabe que não o<sub>i</sub> procurámos (Duarte 1987: p)

- Ao contrário da DEC, a Topicalização apresenta, ainda, efeitos de reconstrução: em (18) o quantificador apresenta escopo estreito relativamente à negação, enquanto em (19) “alguns livros” apresenta escopo largo relativamente a “todos os convidados”.

**(18) Topicalização**

Todos os convidados não conheço (Duarte 1987)

**(19) Deslocação à Esquerda Clítica**

Alguns livros, já os entreguei a todos os professores

Em síntese, como vimos, nenhuma das construções está limitada a contextos de frase-raiz; são construções recursivas e não apresentam sensibilidade a restrições de ilhas fracas. No entanto, estas duas construções distinguem-se, fundamentalmente, pelo facto de Top apresentar características de movimento e DEC não. Assim, Duarte (1987, 2003) e Raposo (1998) apresentam propostas diferentes quanto à possibilidade de DEC em ilhas fortes, ainda que ambos assumam que DEC não envolve movimento: Raposo (1998), referindo que, por definição, uma ilha forte não permite extração dos seus elementos, defende que nada impede a



ocorrência de DEC em tal contexto quando se trata de tópicos nominais – o mesmo não acontecendo com Top. Duarte (1987, 2003), no entanto, prevê que esta construção, à semelhança de Top, seja banida de ilhas fortes, baseando-se em alguns juízos feitos por falantes nativos. Na Top, dado haver movimento, o tópico está ligado a uma categoria vazia no interior do comentário, não se verificando o mesmo na DEC. Na mesma linha, a DEC, ao contrário da Top, não legitima lacunas parasitas, não apresenta efeitos de cruzamento forte e não apresenta efeitos de reconstrução.

**Discursivamente**, as duas construções são usadas com funções diferentes. A Topicalização pode ser utilizada com a função de introduzir um novo tópico no discurso (20), reintroduzir um constituinte do comentário anterior como o novo tópico (21) e permitir contrastar predicações, ou seja, “a predicação expressa pelo comentário acerca da entidade designada pelo tópico é contrastada com outra predicação contida no discurso anterior e envolvendo a mesma entidade.” (Duarte 1987: 88) (22). A DEC, por sua vez, pode ser utilizada como “estratégia de preservação do tópico” (Duarte 2003: 496) (23) e como “estratégia de listagem exaustiva” (Duarte 2003: 496) (24).

(20) Pão, ainda há [-]? (Duarte 2003: 499)

(21) Gostas de perfumes? – Ah sim, perfumes, adoro [-] (Duarte 2003: 499)

(22) Aposto que ainda não leste o último livro de Chomsky? – Não, não. Por acaso, esse, já li [-] (Duarte 2003: 499)

(23) As pessoas ouvem falar num laboratório de polícia científica e não fazem ideia do que lá se faz. – É, às pessoas, há-de-lhes fazer espécie como é que podemos tirar as impressões. (Duarte 2003: 496)

(24) O tipo é insuportável! É incrível como ele trata as pessoas! Aos amigos, fala-lhes com aquele tom de paternalismo que ninguém aguenta. Os subordinados, considera-os abaixo de cão. Os gerentes, trata-os como se fossem míseros contínuos. (Duarte 2003: 496)

Do ponto de **vista semântico**, também há uma divisão de tarefas no que respeita a estas duas construções em português europeu, sendo que a DEC é sensível à especificidade dos tópicos, podendo apenas ocorrer com tópicos específicos (25), e a Topicalização não apresenta essa sensibilidade, podendo ocorrer com tópicos específicos e não-específicos (26).

(25) Compraste o livro?

- Sim, o livro comprei [-]/-o.

(26) Compras livros frequentemente?

- Sim, livros eu compro (\*-os) frequentemente.

## 1.2. Sintaxe dos Tópicos Marcados

Nesta secção, apresentamos uma revisão das principais análises propostas na literatura para as construções de Topicalização e Deslocação à Esquerda Clítica, dividindo-as em dois grupos principais: “hipóteses que preveem movimento do tópico para a periferia esquerda da frase” e “hipóteses que não preveem movimento do tópico”.

### 1.2.1. Hipóteses que preveem movimento do tópico para a periferia esquerda da frase nas construções de Topicalização

**Higgins (1973)** propõe que a construção de Topicalização em inglês é derivada por movimento do tópico para Comp, por substituição<sup>2</sup> (27).



Esta análise permite explicar a impossibilidade de Topicalização em contextos de interrogativa matriz em inglês, como se mostra em (28).

(28)

(a) \*To whom the book did you give [-]? Higgins (1973)

\*A quem o livro tu deste?

(b) \*The book to whom did you give [-]? Higgins (1973)

O livro a quem tu deste?

Contudo, esta estrutura é possível em português, como se pode observar em (6a) acima. Também os exemplos que se seguem (29-32), que mostram que a Topicalização é possível em contextos encaixados, colocam algumas objeções a esta análise, tendo levado **Baltin (1982)** a defender que o constituinte topicalizado se move para uma posição de adjunção a S (=SFlex) (33).

---

<sup>2</sup> Em termos atuais, este movimento é equivalente à substituição em EspecSC, excepto que uma representação com Comp assume a existência de uma posição única no domínio de C.

(29) He's a man to whom liberty, we could never grant - - (Baltin 1982: 17)

[Ele é um homem a quem a liberdade, nunca podemos garantir]

(30) It's obvious that Mary, he can't stand – (Baltin 1982: 17)

[É óbvio que a Maria, ele não consegue suportar]

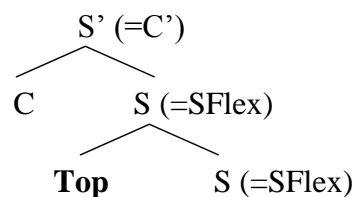
(31) Les homes à qui les livres j'ai donnés - - (Baltin 1982 : 19)

[Os homens a quem os livros eu dei]

(32) Je voudrais savoir quelles lettres à Jacques tu as données - - (Baltin 1982 : 19)

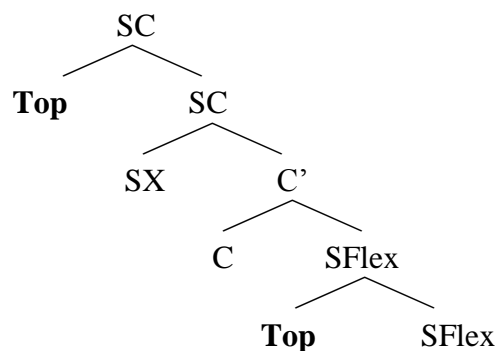
[Eu queria saber que cartas, ao Jacques, tu deste]

(33)



**Duarte (1987, 2003)** considera que, na construção de Topicalização, o tópico pode ocupar duas posições na estrutura da frase (como proposto por Lasnik & Saito 1992): em adjunção a SC (em frases raiz) ou a SFlex (em frases encaixadas) (34).

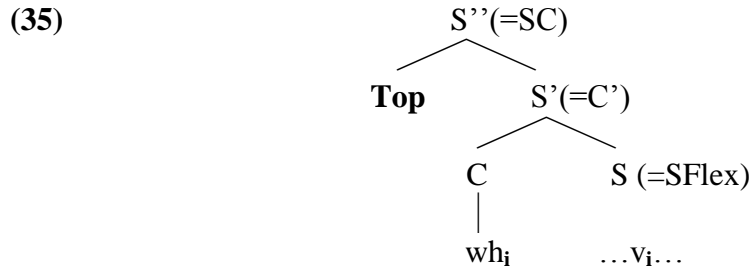
(34)



Para a autora, a posição periférica seria atingida por movimento. Esta análise permite explicar porque “em frases raiz o tópico marcado ocorre à esquerda de constituintes em posição de especificador de SC, enquanto em frases encaixadas ocorre à direita do complementador e de constituintes em posição de especificador de SC” (Duarte 2003: 498).

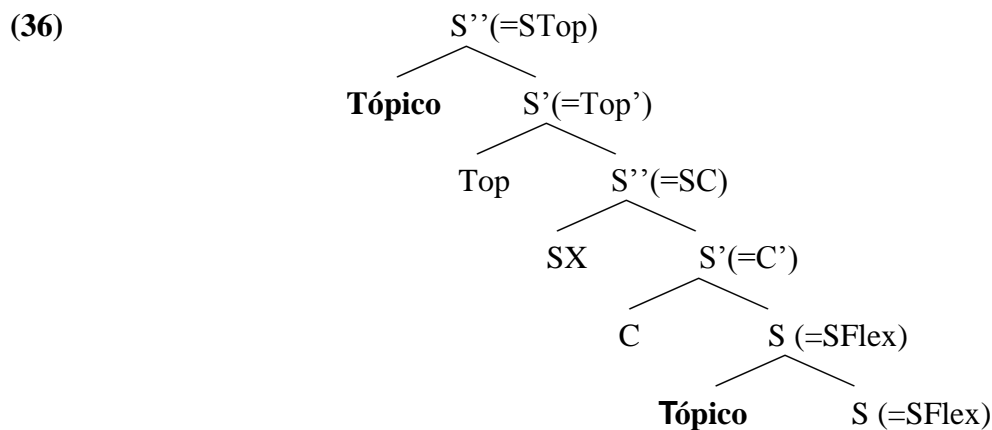
### 1.2.2. Hipóteses que não preveem movimento do tópico nas construções de Topicalização

**Chomsky (1977)** propõe que o constituinte topicalizado é projetado diretamente na sua posição de superfície, em posição de Tópico, com movimento de um operador-wh da sua posição de base para Comp (este operador seria apagado no decurso da derivação) (35).



Esta análise explicaria a incompatibilidade da Topicalização com movimento-wh em inglês (ilustrada em (28) acima).

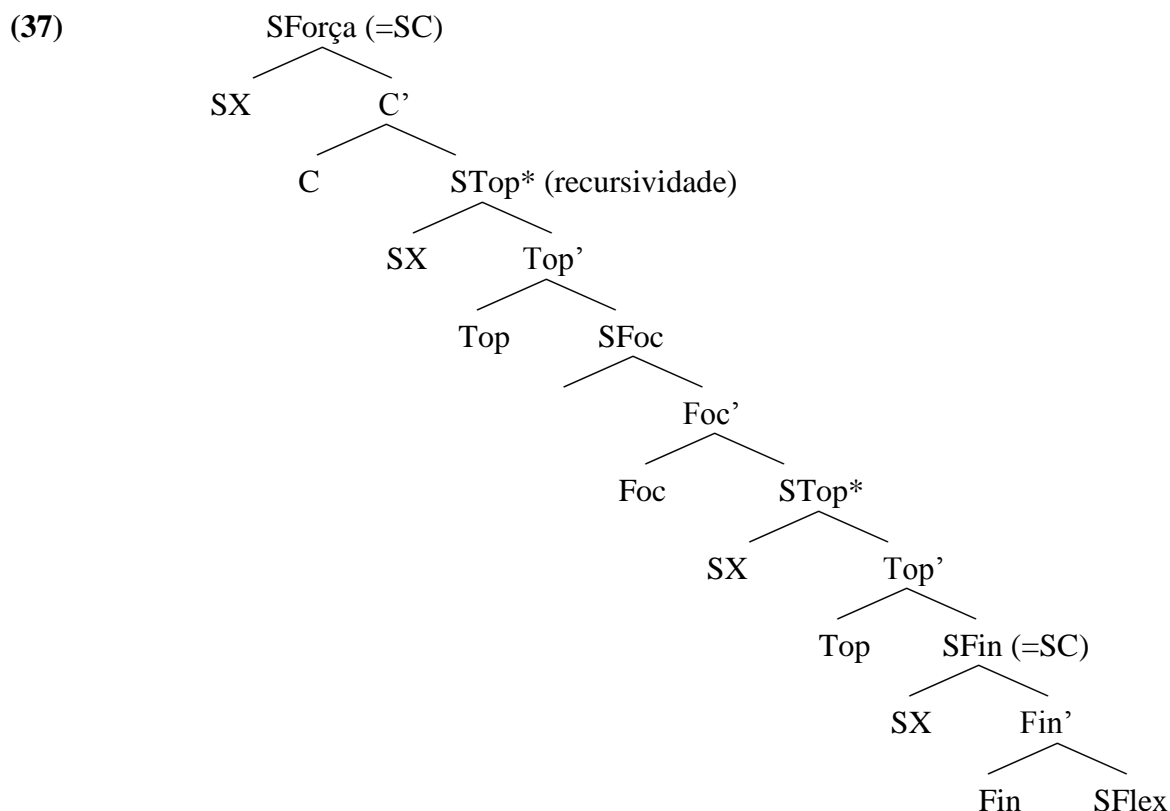
**Lasnik & Saito (1992)**, seguindo Chomsky (*op. cit.*), defendem que o tópico, em frases raiz, é projetado diretamente na sua posição de base (que eles assumem ser S<sub>Top</sub>) mas, em frases encaixadas, ocorre em adjunção a S. Também à semelhança de Chomsky, propõem que a Topicalização envolve movimento de um operador-wh, mas para Esp<sub>SC</sub>. Nos casos em que houvesse mais do que um tópico, como S<sub>Top</sub> não é recursivo, este adjungir-se-ia a S<sub>Flex</sub> (36).



**Rizzi (1997)** também assume que o tópico é gerado em Esp<sub>S<sub>Top</sub></sub>, sendo localmente interpretado através de um operador nulo mediando o tópico e o comentário, ou seja, o constituinte topicalizado está relacionado com a categoria vazia no comentário através de um operador anafórico nulo, que ocupa a posição mais baixa de Esp<sub>SC</sub>. Nesta estrutura, Top seria um núcleo funcional pertencente ao sistema C, sendo o tópico o seu especificador e o

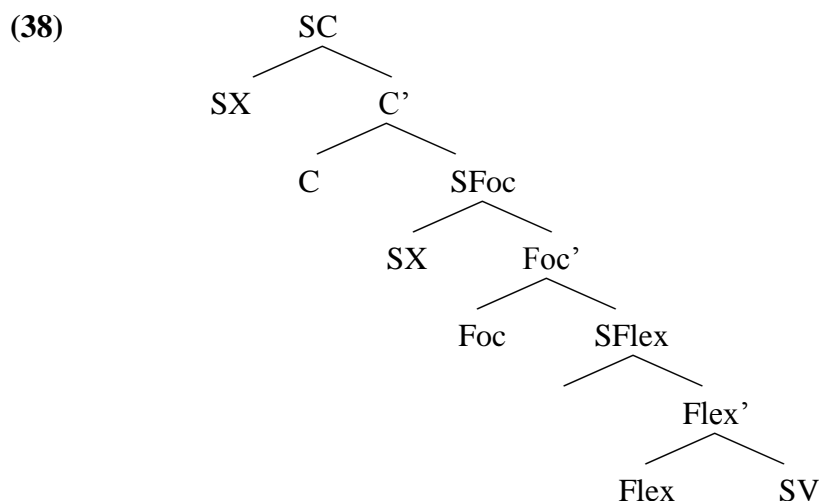
comentário o seu complemento. Top definiria uma espécie de “predicação superior”, em que o especificador estaria numa posição A’. Este facto explica a compatibilidade da Topicalização, em português, com o movimento-wh e o facto de não ser sensível a efeitos de cruzamento fraco, contrariamente ao que acontece com a Focalização. SFoc, segundo o autor, estaria cercado por STops recursivos, o que evidencia mais uma diferença entre as construções de Top e Foc – a primeira é recursiva, a segunda, não.

A estrutura proposta por Rizzi (1997) está representada em (37).



Nesta estrutura, os operadores relativos encontram-se na posição de especificador de SForça; os complementadores em F(orça); os constituintes-wh em interrogativas directas ocorrem em EspecSFin.

**Raposo (1998)** afirma que na construção de Topicalização haveria movimento de um operador nulo. Assim, adaptando a análise de Topicalização de Chomsky (1977), Raposo (1998) assume que, nesta construção, o tópico é gerado diretamente em adjunção a SC (em frases raiz) e a SFoc (em frases focalizadas, interrogativas e encaixadas), com movimento de um operador nulo para Espec da projeção a que o tópico se encontra adjungido (ilustrado em (39)).



Esta análise permite explicar, por exemplo, por que razão um tópico não pode ocorrer à esquerda de Wh, numa interrogativa encaixada (40): a presença do tópico bloquearia o estabelecimento de uma dependência entre  $C_{[+wh]}$  e o constituinte-wh em *EspecSF*, dado que o tópico se adjunge a *SFoc* e, quando o elemento wh se movesse para C, tratando-se de uma posição A', efeitos de minimalidade relativa se verificariam.<sup>3</sup>

(39) \*Perguntaram-me esse livro, a quem tu entregaste. (Raposo 1998)

### 1.2.3. O caso da Deslocação à Esquerda Clítica

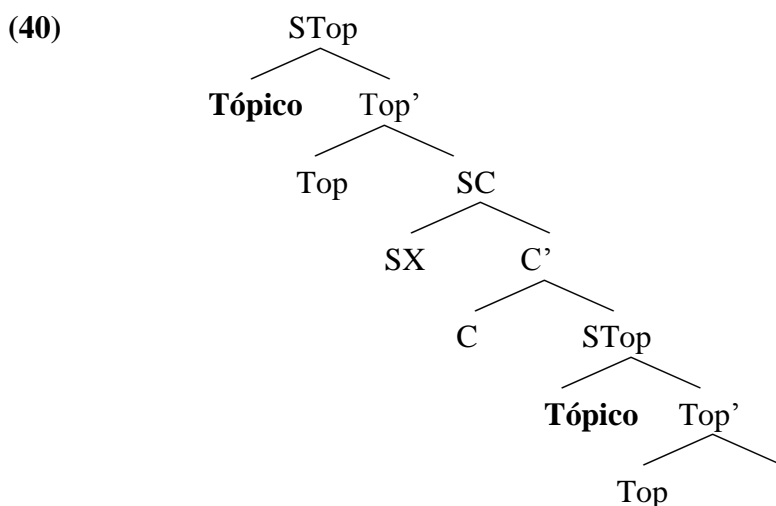
Cinque (1990), Duarte (1987, 2003), Rizzi (1997) e Raposo (1998) assumem que a DEC não implica movimento.

De entre os argumentos usados por Cinque (*op. cit.*) para suportar esta hipótese destaca-se, por exemplo, o facto de que, se DEC envolvesse movimento, um operador teria sido criado (SN vazio em *EspSC*). Nesta construção, no entanto, o SN não é um operador, pois não é um quantificador, um elemento-wh, ou um SN nulo em *EspSC*.

Rizzi (*op. cit.*) referiu que, na maior parte das línguas românicas, as estruturas tópico-comentário são representadas por construções de DEC. Para o mesmo autor, em estruturas de Topicalização/DEC, “operadores nulos” e clíticos têm a mesma função, pois são eles que

<sup>3</sup> Em relação a ilhas tópicas, Barbosa (2005) explica que só os elementos que funcionam como sujeitos de uma predicação complexa não bloqueiam movimento do constituinte-Qu. Para que um elemento fosse interpretado como sujeito de uma predicação complexa, ter-se-ia que estabelecer uma relação de predicação entre esse elemento e a frase. Essa relação seria permitida na sintaxe por movimento do operador nulo, na Topicalização, e pela criação de uma relação de AGREE com a categoria vazia associada ao clítico, na DEC do argumento mais alto (como é o caso do Agente e do Experienciador). Na DEC de argumentos mais baixos, porém, essa relação de predicação só seria estabelecida após movimento da categoria pronominal associada ao clítico em Forma Lógica, com a consequência de que a presença do tópico, neste caso, bloquearia movimento-Qu na sintaxe.

estabelecem a relação entre o tópico e o comentário. Na Topicalização haveria uma posição/categoria vazia, e em DEC haveria um clítico. Tratar-se-ia, então, de um parâmetro a fixar: a presença (valor positivo) ou ausência (valor negativo) do clítico no comentário. Para Rizzi (1997) e Duarte (1987, 2003), a construção de Deslocação à Esquerda Clítica envolveria uma projeção adicional - STop<sup>4</sup>. O tópico seria gerado na base, na posição de especificador de STop, que poderia estar abaixo ou acima de SC (40).



Em suma, para estes autores, a grande diferença entre Top e DEC é que DEC não apresenta qualquer tipo de movimento.

### 1.3. Síntese

Nesta secção, apresentamos uma síntese das principais análises propostas na literatura para as construções de Topicalização e Deslocação à Esquerda Clítica.

Um conjunto de hipóteses, que podemos designar como “movimento do tópico para uma posição na periferia esquerda da frase”, defende que o tópico é deslocado para Comp

<sup>4</sup> Determinados tipos de movimento-wh são bloqueados pela DEC. Este fenómeno é explicado pelo facto de, em português europeu, contrariamente à Topicalização, a DEC criar ilhas tópicas, estando excluída de interrogativas encaixadas e de orações relativas.

(i) \*Perguntei que livro, à Maria, lhe deram no Natal. (Duarte 1987)

(ii) \*Já li o livro que, à Maria, lhe ofereceu ontem o João. (Duarte 1987)

(iii) Perguntei que livro, à Maria, eles deram no Natal. (Duarte 1987)

(iv) Já li o livro que, à Maria, ofereceu ontem o João. (Duarte 1987)

Duarte (1987, 2003), Costa (2001) e Costa & Duarte (2002) atribuem estes juízos a um efeito de minimalidade: a presença do tópico (STop) bloqueia o movimento do constituinte-wh. Isto não acontece com a Topicalização, dado tratar-se de uma construção derivada por movimento do tópico para uma posição de adjunção a SC ou SFlex. Barbosa (2006) nota, porém, que o problema é mais complexo, uma vez que as estruturas em (i) e (ii) se tornam possíveis se o tópico corresponder a um Experienciador. Tal não é esperado na análise de Duarte (1987, 2003).

(v) Vi hoje a casa que, à Maria, mais lhe convém comprar. (Duarte 1987)

(vi) Sabes quando, ao Pedro, mais lhe convém lá ir? (Duarte 1987)

(Higgins, 1973) ou para uma posição de adjunção a SFlex (Baltin, 1982). De acordo com Duarte (1987), a posição ocupada pelo tópico depende do estatuto da oração: o tópico adjunge-se a SFlex ou a SC, consoante esteja inserido numa frase encaixada ou numa frase raiz, respectivamente.

Um outro grupo de hipóteses sobre Top não prevê movimento do tópico. Chomsky (1977), por exemplo, defende que o constituinte topicalizado é projetado diretamente na sua posição de superfície, em posição de Tópico, com movimento de um operador-wh da sua posição de base para Comp. Lasnik & Saito (1992), seguindo Chomsky (1977), defendem que o tópico, em frases raiz, é projetado diretamente em STop, a sua posição de base (que é em adjunção a SFlex, em frases encaixadas), e que a Topicalização envolve movimento de um operador-wh para EspecSC. Rizzi (1997), por sua vez, assume que o tópico seria gerado em EspSTop. Raposo (1998), adaptando também a análise de Topicalização de Chomsky (1977), assume que o tópico é gerado diretamente em adjunção a SC (em frases raiz) e a SFoc (em frases focalizadas, interrogativas e encaixadas), com movimento de um operador nulo para especificador da projeção a que o tópico se encontra adjungido.

Em relação à DEC, tanto Duarte (1987, 2003) como Rizzi (1997) defendem que o tópico é gerado na base, ou seja em STop. STop, segundo Lasnik & Saito, não é recursivo. Assim, em frases em que haja mais do que um tópico (tanto em Top, como em DEC), os tópicos adicionais adjungem-se a SFlex. Para Cinque (1990), Raposo (1996) e Duarte (1987, 2003), a grande diferença entre DEC e Topicalização reside no facto de DEC não apresentar movimento, ao contrário da Topicalização (que envolve movimento de um operador nulo ou do tópico, respectivamente). Um problema potencial levantado pela análise de Raposo (1998) tem a ver com a existência de efeitos de reconstrução que, segundo Duarte (1987), são observados em construções de Topicalização. Estes efeitos são diretamente derivados na análise de Duarte (1987), em que se assume movimento do tópico, mas não na análise de Raposo (1998), que assume que o tópico é gerado diretamente na sua posição de superfície. Para uma defesa da proposta de Raposo (1998), veja-se Barbosa (2005), que argumenta que, de modo geral, não existem efeitos de reconstrução em estruturas de Topicalização. Assumiremos aqui a proposta de Duarte (1987, 2003).



## 2. O Objeto Nulo como um caso particular de Topicalização

### 2.1. O Objeto Nulo e a Elipse de VP

Segundo Matos (2003), a elipse é a omissão de uma expressão que é recuperável pelo contexto linguístico ou pela situação. No entanto, “nem todas as expressões não realizadas são manifestações de elipse” (Matos 2003: 872). Esta restringe-se aos casos em que essa omissão permite evitar a repetição redundante, “não resultando da deslocação de expressões para outras posições, mas sim da não realização de constituintes na sua posição usual na frase” (Matos 2003: 873).

Segundo Costa & Duarte (2003) e Matos (2003), a construção de objeto nulo distingue-se da elipse de VP<sup>5</sup>, pelas seguintes razões:

i) Elipse de VP exige paralelismo contrariamente ao objeto nulo

(41) \*Quando a Ana pôs os óculos na mesa, a Maria também colocou (elipse VP) (Costa & Duarte 2003:250)

(42) Ela tirou o anel do dedo e guardou *ec* no cofre (objeto nulo) (Costa & Duarte 2003:250)

ii) Elipse de VP não é sensível a ilhas contrariamente ao objeto nulo

(43) Eles guardam as jóias no banco, pois todos os vizinhos que não guardavam *ec* foram assaltados. (elipse de VP) (Costa & Duarte 2003:250)

(44) \*Ela tirou o anel do dedo e abriu a gaveta onde ia guardar *ec*. (objeto nulo) (Costa & Duarte 2003: 251)

Em suma, a elipse de VP e as construções de objeto nulo diferem no facto de a primeira não implicar movimento do constituinte, contrariamente à segunda.

### 2.2. O Objeto Nulo e a Topicalização

Esta distinção entre objeto nulo e elipse de VP é fundamental, uma vez que Costa & Duarte (2003) propõem que as construções de objeto nulo não são restringidas aos casos de elipse do argumento interno direto, como verificado na elipse de VP e como defendido, por exemplo, por Raposo (1986) e Duarte (1987). Assim, é possível criar construções em que o

---

<sup>5</sup> Para Raposo (1986), as respostas verbais são consideradas elipses de VP. No entanto, Duarte (1987, 2003) assume que essas estruturas são objetos nulos (i).

(i) Compraste o livro? (Duarte 1987: 394)  
- Sim, comprei [-]

elemento em falta é um complemento direto (45), é um complemento indireto (46), é um advérbio de VP (47), é uma VP-shell (48), é uma VP-shell com advérbio (49). O mesmo se verifica com as construções de topicalização.

**(45) Complemento Direto**

- (a) [O bolo]<sub>i</sub>, o João comeu *ec<sub>i</sub>*. (Topicalização)
- (b) O João fez [o bolo]<sub>i</sub> e comeu *ec<sub>i</sub>*. (objeto Nulo)

**(46) Complemento Indireto**

- (a) [À Maria]<sub>i</sub>, O João deu o livro *ec<sub>i</sub>*. (Topicalização)
- (b) O João obedece [à Maria]<sub>i</sub>, mas responde *ec<sub>i</sub>* mal. (objeto Nulo)

**(47) Advérbio de VP (complementos e modificadores)**

- (a) [Muito bem]<sub>i</sub>, o João discursou *ec<sub>i</sub>*. (Topicalização) (modificador)
- (b) O João viveu [aqui]<sub>i</sub> todo o ano, mas só mora *ec<sub>i</sub>* oficialmente desde Abril. (objeto Nulo) (complemento)

**(48) VP-Shell**

- (a) [O Livro à Maria]<sub>i</sub>, o João deu *ec<sub>i</sub>*. (Topicalização)
- (b) O João mostrou [a cadela à mãe]<sub>i</sub>, mas só deu *ec<sub>i</sub>*, quando chegaram todos. (objeto Nulo)

**(49) VP-Shell com Advérbio**

- (a) [O livro na prateleira ontem]<sub>i</sub>, o João pôs *ec<sub>i</sub>*. (Topicalização)
- (b) O João levou [a namorada à família ontem]<sub>i</sub> e apresentou *ec<sub>i</sub>* sorridente. (objeto Nulo)

Porém, quando se trata de um VP máximo (50), um Sujeito (51) ou um Advérbio Frásico (52), essas construções são agramaticais.

**(50) VP máximo**

- (a) \*[Ler o livro]<sub>i</sub>, o João fez *ec<sub>i</sub>*. (Topicalização)
- (b) \*O João[leu o livro]<sub>i</sub> e a Maria também fez *ec<sub>i</sub>*. (objeto Nulo)

**(51) Sujeito**

- (a) ?[O João]<sub>i</sub>, eu acho que *ec<sub>i</sub>* gosta da Maria. (Topicalização)

## (52) Advérbio Frásico

(a) [Provavelmente]<sub>i</sub>, o João leu o livro *ec*<sub>i</sub>. (Topicalização)<sup>6</sup>

(b) ? O João leu o livro [aqui]<sub>i</sub> e deixou-o *ec* <sub>i</sub> (objeto Nulo)

Dadas as características observadas nestas construções, Huang (1984) e Raposo (1986) defendem que o objeto nulo é uma categoria A'-ligada a um tópico foneticamente nulo. Raposo (op cit.) mostra que as construções com objeto nulo apresentam todas as propriedades de movimento-wh, comportando-se, portanto, como as estruturas de topicalização – o que explica o paralelismo anteriormente apresentado.

### 2.3. Propostas de Análise para as Construções de Objeto Nulo

Segundo **Huang (1984)**, numa língua como o chinês, uma categoria vazia não poderia ser ligada por um argumento matriz, apesar de poder ser ligada por algum SN cuja referência tivesse sido fixada no discurso. **Raposo (1986)**, recorrendo ao Princípio C, explica: na teoria da Regência e Ligação de **Chomsky (1981)**, a diferença entre movimento e geração na base de uma categoria vazia é banalizada e a identidade de uma categoria vazia é funcionalmente determinada de acordo com o seguinte princípio:

- a. Uma categoria vazia é pronominal se, e apenas se, for livre ou localmente ligada a um elemento com um papel temático independente e uma contrapartida não-pronominal;
- b. Uma categoria vazia não-pronominal é uma anáfora se, e só se, for localmente A ligada, e uma variável se localmente a-barra ligada;

(Chomsky 1981: 330)

Uma categoria vazia de objeto não pode, então, ser pronominal, pois não pode ser localmente A-ligada por um argumento matriz, mas pode ser localmente A-barra ligada por um tópico. Por definição, uma variável é um elemento A-barra localmente ligado. Ao contrário do proposto por Huang (1984) para o chinês, ou seja, que o objeto nulo seria uma variável A-barra ligada por um tópico nulo validado pelo discurso anterior, ou pelo contexto pragmático, para Raposo (1986), o objeto nulo seria um elemento A-barra localmente ligado, mas não por uma posição de tópico nulo. Segundo o mesmo autor, a variável em posição de objeto resulta de uma regra de movimento aplicada na sintaxe e que move uma categoria vazia para uma posição interior a Comp de uma frase raiz. Ainda segundo Raposo (1986), em

---

<sup>6</sup> (“A impossibilidade de topicalizar advérbios é mais difícil de provar, dada a gramaticalidade de frases” como a seguinte (Costa & Duarte 2003: 255). No entanto, segundo Cinque (1990), estes advérbios em posição inicial não têm propriedades de escopo características dos elementos topicalizados.)

Chomsky (1982) é sugerido que as posições A-barra, contrariamente às posições A, só são indexadas em LF. Se supusermos que o objeto nulo não é resultante de um movimento, ou que é um elemento A-barra localmente ligado a um tópico nulo, e assumindo o processo de indexação de posições A-barra sugerido por Chomsky (1982), este tópico não recebe indexação até LF. Logo, o objeto nulo não seria uma variável até LF, contrariamente aos resultados previstos pela Teoria da Ligação. Por conseguinte, o objeto nulo deve ser um traço deixado por aplicação de movimento. Para este autor, numa estrutura-S, a posição Comp é ocupada pelo operador nulo e pelo elemento-wh foneticamente realizado, dando origem a uma violação do Filtro de duplo preenchimento de Comp. Esta análise só é possível, assumindo que o objeto nulo é uma categoria vazia formada por movimento de um operador nulo para a posição Comp.

(53) [<sub>TOP</sub> e<sub>i</sub>] [<sub>S</sub> a Joana viu e<sub>i</sub> na TV ontem] (Raposo 1986:379)

Para **Raposo (1986)**, tal como acontece com outras variáveis, o objeto nulo exhibe efeitos de cruzamento forte (54).

(54) \*Ele<sub>i</sub> pensa que eu recomendei e<sub>i</sub> ao professor (Raposo 1986:379)

\*Ele<sub>i</sub> perguntou-me se eu tinha visto e<sub>i</sub> na TV (Raposo 1986:379)

Ainda segundo Raposo (1986), um objeto nulo não pode ocorrer em contexto de ilhas fortes como, por exemplo, dentro de um SN complexo. Em (55a) estamos perante uma frase simples com um objeto nulo. Em (55b) o objeto nulo está inserido numa frase complemento e em (55c) a frase com um objeto nulo é complemento do núcleo nominal “possibilidade”. Como esperado, dada a hipótese do movimento sintático, (55c) é agramatical.

(55)

(a) O Manel guardou e<sub>i</sub> no cofre da sala de jantar. (Raposo 1986:381)

(b) Eu disse ao António que pedisse ao Manel que guardasse e<sub>i</sub> no cofre da sala de jantar. (Raposo 1986:381)

(c) \*Eu informei a polícia da possibilidade de o Manel ter guardado e<sub>i</sub> no cofre da sala de jantar. (Raposo 1986:381)

Do mesmo modo, se um objeto nulo ocorre dentro de um sujeito frásico (56), o resultado é agramatical. Isto é o que esperamos se assumirmos que o movimento para Comp está envolvido em construções de objeto nulo.

(56) \*Que a IBM venda e<sub>i</sub> a particulares surpreende-me. (Raposo 1986:384)

Em PE, as restrições de ilhas-wh constituem violações fracas, para alguns falantes, em caso de extração longa de um complemento. Para estes falantes, é possível existir um objeto nulo inserido numa ilha wh (57).

(57) Eles não sabem quando [-] convidou.

Assumindo a hipótese proposta por Raposo (1986), é possível que uma construção com uma lacuna parasita possa ser adicionada a uma frase com um objeto nulo, tal como acontece com a Topicalização.

(58) Vi e<sub>i</sub> na TV sem reconhecer pg<sub>i</sub> (Raposo 1986: 385)

Devido ao facto de alguns falantes de português europeu aceitarem objetos nulos em ilhas fortes, Costa & Duarte (2003) colocaram a hipótese de que o objeto nulo pode ser, nesses contextos, não uma variável (uma vez que, estando dentro de uma ilha forte, não pode estar ligada), mas um *pro* (cf. Raposo 1996). Como tal, prevê-se que os objetos nulos em contexto de ilha forte sejam necessariamente nominais, devido ao facto de se tratar de um pronome. Assumir que o objeto nulo pode ser identificado como um *pro* torna possível uma explicação do efeito de animacidade que se observa, dado que apenas elementos nominais animados são aceites nestes contextos.

## 2.4. Síntese

No que diz respeito ao objeto nulo, Huang (1984), Farrell (1990) e Raposo (1986) defendem que o objeto nulo é uma categoria A'-ligada a um tópico foneticamente nulo. No entanto, para Huang (1984), essa categoria estaria ligada a uma posição de tópico, sem movimento, ao passo que para Raposo (op *cit.*), a variável em posição de objeto resultaria de uma regra de movimento aplicada na sintaxe e que moveria uma categoria vazia para uma posição interior a Comp da frase raiz.

Esta construção, segundo Raposo (1996, 1998), é possível se houver uma entidade saliente no universo discursivo, uma vez que o operador nulo está coindexado com um tópico discursivamente nulo. Raposo (op *cit.*) e Costa & Duarte (2003) mostram que as construções com objeto nulo apresentam todas as propriedades de movimento-wh, comportando-se, portanto, como as estruturas de Topicalização.

### 3. Contraste entre o Português e o Espanhol em Construções de Tópicos Marcados

#### 3.1. Contraste entre o português e o espanhol

No que se refere à construção de Topicalização, o português apresenta algumas especificidades relativamente a outras línguas românicas<sup>7</sup>. Quanto ao espanhol e ao português, apesar de serem línguas tipologicamente muito próximas, têm fortes diferenças no que toca a construções de tópicos marcados.

De seguida apresentaremos as diferenças cruciais entre estas duas línguas, neste tipo de construções.

**Bosque (1999)** refere que, em espanhol, várias são as estratégias de marcação de tópico, como é o caso da construção de Deslocação à Esquerda, aqui usada numa aceção diferente da de Duarte (1987, 2003). Para Bosque (1999), nestas construções, o tópico pode aparecer na periferia esquerda de uma frase raiz ou de uma subordinada, existe uma dependência gramatical entre o tema e a posição dentro da frase com a qual se relaciona (como indica a presença de uma preposição adjacente ao tema nominal, em certos casos) e a relação está restringida sintaticamente: o tema não pode entrar em relação com qualquer posição dentro de oração adverbial, relativa ou de sujeito. Dada esta descrição, podemos concluir que a Deslocação à Esquerda, nesta aceção, inclui construções de Topicalização (59) e Deslocação à Esquerda Clítica (60) na aceção de Duarte (1987, 2003).

(59) Estoy segura que de María, Pedro siempre habla bien. (Bosque 1999: 4222)

(60) A sus amigos, María los invitó a cenar (Bosque 1999: 4222)

**Valenzuela (2006)**, por sua vez, distingue as duas construções e assume que a DEC pode ocorrer tanto em frases raiz como em frases encaixadas, ao passo que a Topicalização só

---

<sup>7</sup> Uma diferença entre o português e as outras línguas românicas referida em Duarte (2003) refere-se à função contrastiva da Topicalização: enquanto, em português, esta construção pode ser utilizada para contrastar predicções, noutras línguas românicas ela tem a função de marcar o contraste entre o constituinte topicalizado e outro constituinte (i-v).

(i) Esse livro, já li [-], (mas) este, ainda não

(ii) #Esse livro, já li [-], (e/mas) não este

(exemplos retirados de Duarte 2003: 499)

(iii) Ce livre, j'ai lu [-]

(iv) Ce livre, j'ai lu [-], mais pas celui-là

(v) #Ce livre, j'ai lu [-], et/mais je n'ai pas lu celui-là

(exemplos retirados de Duarte 2003: 500)

ocorre em frases raiz (61) (exemplos retirados de Valenzuela 2006). Contudo, Bosque et al (1999) refere o seguinte exemplo: “Estoy seguro de que manzanas, Pedro come todos los dias”. Em Português, como referimos em (6) e (7) acima, a Topicalização e a DEC podem ocorrer, tanto em frases raiz, como em frases encaixadas.

**(61)**

- (a) Este libro, lo he leído muchas veces (DEC – frase raiz) (Valenzuela (2006))

[Este livro, li-o muitas vezes]

- (b) Te aseguro que, tu secreto, no se lo he dicho a nadie (DEC – frase encaixada) (Valenzuela (2006))

[Asseguro-te de que, o teu segredo, não o disse a ninguém]

- (c) Libros, leo [-] a menudo (pero no revistas) (Topicalização – frase raiz) (Valenzuela (2006))

[Livros, leio frequentemente (mas revistas não)]

- (d) \* Me pregunto si, secretos, puede guardar [-] (Topicalização – frase encaixada) (Valenzuela (2006))

[Pergunto-me se, segredos, pode guardar]

Contreras (1976), Zubizarreta (1998) e Arregi (2003) referem ainda que, em espanhol, em casos de tópico marcado, quando o tópico é específico, se insere um clítico no comentário, ao passo que, quando o tópico não é específico, essa construção ocorre sem a presença do clítico no comentário. Isto significa que há uma divisão de tarefas no que respeita à Topicalização e à DEC em espanhol: tal como em português, a DEC só é compatível com tópicos específicos (62); a Topicalização, porém, ao contrário do que se verifica em português, está restrita a tópicos não específicos (63).

- (62)** Este libro, \* (lo) he leído muchas veces (específico) (Valenzuela 2006)

- (63)** Revistas, (\*las) leo a menudo (não específico) (Valenzuela 2006)

Se, em espanhol, a Topicalização só pode ocorrer com tópicos não específicos, prediz-se que as construções de objeto nulo, nesta língua, estejam também restritas a contextos não específicos. Contudo, segundo alguns autores (por exemplo, Huang 1884 e Raposo 1986), o espanhol não admite objetos nulos, seja o antecedente definido ou indefinido, contrariamente ao português, que permite objetos nulos com qualquer antecedente.

(64) Compraste el libro?/ algunos regalos? (Duarte 1987: 394)

\*Si, compré-

De acordo com Duarte (2003), porém, “em Castelhana a construção de objeto nulo está limitada aos contextos em que o antecedente que fixa o valor da categoria vazia é uma expressão nominal sem quantificador exposto de interpretação não-específica, porque só esse tipo de expressão nominal pode ser o A'-antecedente de uma variável em posição de objeto na posição de tópico” (Duarte 2003: 397). Esta posição é corroborada por Alamillo & Schwenter (2007), que mostram que os objetos nulos são possíveis apenas em determinados contextos em espanhol: por exemplo, quando o antecedente é um nome não contável ou um mero plural (*bare plural*):

(65)- ¿Compraste café?

- Sí, compré [-] ( Alamillo & Schwenter 2007: 113)

(66) Quería comprar libros pero no encontraba [-] ( Alamillo & Schwenter 2007: 113)

O espanhol apenas admite, portanto, objeto nulo quando o antecedente é não-específico. O português, pelo contrário, permite objetos nulos específicos (67) e não específicos (68).

(67)- Compraste o livro? (Duarte 1987: 394)

- Sim, comprei [-]

(68) Preciso de comprar livros para ler nas férias, mas não me parece que vendam [v] aqui. (Duarte 1987: 394)

### 3.2. Síntese

Nesta secção vimos que existem algumas diferenças entre o português e o espanhol no que às construções de tópicos marcados diz respeito. Segundo Bosque (1999), a DEC pode ocorrer tanto em frases raiz como em frases encaixadas, ao passo que, de acordo com Valenzuela (2006), a Topicalização só pode ocorrer em frases raiz. Não é claro, pois, se o espanhol se assemelha ou não ao português, em que, segundo Duarte (1987, 2003), a Topicalização e a DEC podem ocorrer tanto em frases raiz como em frases encaixadas.

Valenzuela (2006) refere ainda que, em espanhol, em casos de tópico marcado, quando o tópico é específico, se insere um clítico no comentário, ao passo que, quando o tópico não é específico, essa construção ocorre sem a presença do clítico no comentário. Em



português, por outro lado, a topicalização não apresenta restrições de especificidade, ainda que a DEC, à semelhança do que acontece em espanhol, esteja restrita a tópicos específicos.

## 4. Alguns Estudos de Aquisição de Tópicos Marcados (L1 e L2)

### 4.1. Aquisição de L1

Nesta secção apresentaremos alguns estudos de aquisição de tópicos marcados na língua materna. Esta abordagem é importante para que possamos comparar a aquisição de L1 destas estruturas com o processo de aquisição da L2.

#### 4.1.1. Aquisição de Estruturas de Topicalização

**Carrilho (1994)** conclui, com base num *corpus* de duas crianças entre os 2;0 e os 3;3, que estas produzem estruturas com tópicos marcados em estruturas com verbos transitivos, ainda que a frequência de objetos diretos topicalizado tivesse diminuído ao longo das sessões. Neste *corpus*, segundo a mesma autora, só ocorreram topicalizações com valor contrastivo, de retoma de tópico discursivo ou de introdução de tópico novo. De igual modo, com base na análise de um *corpus* de produção espontânea, de três crianças entre os 1;2 e os 4;5, **Soares (2006)** observou que a Topicalização de objetos diretos não é frequente nestas idades, ainda que as crianças evidenciem “não só a competência sintática como também a competência discursiva” (Abalada 2011:15) para realizar tópicos marcados em contextos apropriados, uma vez verificar-se que os constituintes topicalizados ocorrem em frases declarativas e em interrogativas globais e representam informação dada ou introduzem um tópico novo no discurso.

Quanto à compreensão, partindo dos resultados de uma Tarefa de Juízo de Valor de Verdade (aplicada a 22 crianças entre os 3;3 e os 6;1), **Adragão & Costa (2004)** e **Adragão (2005)** concluem que as crianças não têm problemas na compreensão de estruturas com alteração da ordem básica de palavras, sendo que compreendem estruturas com objetos antepostos, quer em Topicalizações, quer em Deslocações à Esquerda Clíticas. **Abalada (2011)** propõe, no entanto, com base na Hipótese da Complexidade Derivacional (Jakubowicz, 2004, 2005), que operações sintáticas mais custosas, como as que envolvem movimento, que seria o caso de Top, são evitadas até mais tarde que operações menos custosas, como é o caso de DEC, em que o constituinte interpretado como tópico, co-indexado com um clítico presente na frase-comentário, é gerado diretamente numa posição de adjunção à esquerda a SC, o que dispensa o recurso a uma projeção funcional específica. Assim, Abalada (2011) construiu uma tarefa de juízos de valor de verdade, “construída para testar estruturas com alterações da ordem básica de palavras devido à ativação das periferias esquerda e direita da frase. Na periferia esquerda, as condições envolveram constituintes com as funções sintáticas de objecto direto, objecto indireto e complemento oblíquo interpretados

como tópicos; na periferia direita, incluíram--se constituintes com a função sintáctica de sujeito interpretados como antitópicos” (Abalada 2011: 42), aplicando-a a 63 crianças, entre os 3 e os 6 anos e a 30 adultos falantes de português como língua materna. Os resultados desta tarefa para a compreensão de estruturas com Deslocação à Esquerda Clítica não são significativamente melhores do que os resultados obtidos para a Topicalização (ainda que com objetos diretos haja uma melhor performance com DEC), o que parece contrariar a predição feita. Os resultados mostram, igualmente, que as crianças têm um melhor desempenho com estruturas com complementos oblíquos e indiretos que com objetos diretos, o que corrobora a hipótese avançada pela autora, segundo a qual as semelhanças estruturais entre o constituinte A’ movido e o sujeito interveniente, no caso do objeto direto, dificultam o processamento.

À semelhança dos estudos feitos para o português, **De Cat (2009)**, através de uma tarefa de produção, aplicada a crianças falantes de francês como língua materna, entre os dois e os cinco anos, observou que essas crianças já estão aptas a distinguir informação nova de informação antiga, como tinha sido observado para o português no estudo de Soares (op. cit). Para testar a distinção entre tópicos e focos, De Cat (2009) construiu uma tarefa de produção elicitada, perguntando à criança o que estava a acontecer nas imagens apresentadas. Os resultados mostraram que as crianças erraram apenas em 5%, usando quase exclusivamente os tópicos que codificavam os alvos e revelando conhecimento destas estruturas e da distinção entre informação velha e informação nova.

Em suma, Carrilho (1994) concluiu que as crianças, entre os 2 e os 3 anos produzem estruturas de topicalização, ainda que essa produção tenha diminuído ao longo das sessões. Adragão & Costa (2004), Adragão (2005) e Abalada (2011) concluem que as crianças não têm problemas na compreensão de Topicalizações e Deslocações à Esquerda Clíticas. Abalada (2011) conclui ainda que, contrariamente ao previsto, o facto de a Topicalização implicar um processamento mais complexo não parece influenciar os juízos das crianças, que revelam que a sua compreensão de estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica não é significativamente melhor do que de estruturas de Topicalização. No entanto, os resultados mostraram que as crianças têm um melhor desempenho com estruturas com complementos oblíquos e indiretos que com objetos diretos, o que corrobora a hipótese avançada pela autora, segundo a qual as semelhanças estruturais entre o constituinte A’ movido e o sujeito interveniente, no caso do objeto direto, dificultam o processamento. De Cat (2009), por sua vez, mostra que as crianças

revelam conhecimento de estruturas de tópico e foco marcados e da distinção entre informação velha e informação nova.

#### 4.1.2. Aquisição de Estruturas de Objeto Nulo

Autores como **Schaeffer (1997)**, **Wexler et al. (2003)**, **Tsakali & Wexler (2003)** e outros têm mostrado que os clíticos tendem a ser omitidos em estádios iniciais de desenvolvimento linguístico. Wexler et al. (2003), no entanto, propõe que apenas em algumas línguas se dá esta omissão – em línguas com concordância de particípio passado, como é o caso do francês e do catalão. A omissão resulta de uma restrição, o *Unique Checking Constraint*, proposta em Wexler (1998)<sup>8</sup>, que prediz que os clíticos não são realizados sempre que o sintagma determinante associado tenha de verificar mais do que um traço não interpretável (o que acontece em línguas com concordância de particípio passado. Os resultados de **Gavarró & Mosella (2009)** parecem confirmar esta hipótese, dado não se ter encontrado nenhuma omissão nos dados recolhidos para línguas como o espanhol, ou seja, línguas sem concordância de particípio passado.

Assumir, no entanto, que estas omissões apenas ocorrem em línguas com concordância de particípio passado implicaria que as crianças portuguesas não omitissem clíticos – o que não se verifica. Segundo os resultados obtidos na tarefa de produção elicitada de clíticos reflexivos e de clíticos dativos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas conduzida por **Carmona et al. (2008)**, as crianças portuguesas omitem clíticos, ainda que o façam com menos frequência relativamente a clíticos reflexivos e de 1ª e 2ª pessoas. Na reflexão feita por **Costa, Lobo & Silva (2011)** é referido que as crianças portuguesas omitem clíticos em maior percentagem que as crianças de outras línguas e que essas omissões persistem até aos 4 anos, ou mais. Dados apresentados, também, por **Costa & Lobo (2007)**, que atribuem a causa da persistência da omissão de clíticos em português à complexidade do processamento. Este facto indica que a omissão de clíticos na aquisição de português europeu não tem a mesma natureza das omissões ocorridas em, por exemplo, francês e italiano, o que é corroborado pelos resultados obtidos no estudo comparativo elaborado por Carmona et al. (2008). **Costa, Lobo & Silva (2008)**, através de uma tarefa de produção elicitada e uma tarefa de juízos de valor de verdade, provam que as crianças produzem objetos nulos e clíticos em contextos pragmáticos apropriados e que os interpretam na mesma medida. **Costa & Lobo (2010)**, por sua vez, através de duas tarefas, uma de juízos de aceitabilidade de complementos nulos em frases

---

<sup>8</sup> Wexler, K. (1998) 'Very early parameter setting and the unique checking constraint: A new explanation for the optional infinitive stage'. In *Lingua* 106: 23–79. Citado em Gavarró & Mosella (2009)

declarativas simples e outra da mesma natureza, testando a aceitabilidade de complementos nulos em ilhas fortes, concluem que as crianças conhecem as estruturas de objetos nulos, ainda que omitam clíticos em contextos excluídos da gramática do adulto em menor percentagem, colocando a hipótese de que a omissão de clíticos em Português Europeu possa ser uma sobregeneralização das construções de objeto nulo, o que permite explicar as taxas menos elevadas de omissão em contextos de ilhas fortes e em contextos reflexivos, relativamente a outros contextos.

#### **4.1.3. Síntese**

Em suma, os resultados obtidos nos estudos de aquisição de L1 para as construções de topicalização e objeto nulo indicam que as crianças adquirem estas construções precocemente. Os *corpora* analisados por Carrilho (op. cit) e Soares (op. cit) permitiram concluir que as crianças produzem construções de topicalização desde muito cedo. Os dados recolhidos por Adragão e Costa (op. cit), Adragão (op. cit) e Abalada (op. cit) demonstram que as crianças compreendem estruturas de topicalização e deslocação à esquerda clítica – ainda que apresentem mais dificuldades com objetos diretos do que com outros tipos de constituintes. Os resultados de De Cat (op. cit) corroboram estas conclusões (desta vez para o francês), reforçando o facto de as crianças terem adquirido a capacidade de distinguir informação nova de informação dada. Paralelamente a estas conclusões, o mesmo parece ser colocado para os objetos nulos, dado que muitas omissões de clíticos são verificadas em estádios precoces. Costa, Lobo & Silva (2011) afirmam que a omissão de clíticos não está restringida a línguas com concordância de participio passado pois, em português, essas omissões também ocorrem e até mais tarde que em línguas com concordância de participio passado. Costa & Lobo (2007) atribuem a complexidade de processamento como causa principal, referindo, tal como Carmona et al. (2008) que a natureza das omissões em português é diferente das das restantes línguas. Costa, Lobo & Silva (2008) assumem que as crianças conhecem as restrições pragmáticas associadas ao objeto nulo e à realização do clítico, ainda que Carmona et al. (2008) apresentassem resultados de crianças que omitem clíticos reflexivos e dativos de 1ª e 2ª pessoas – contexto proibido na gramática do adulto. Costa & Lobo (2010) coloca a hipótese de que a omissão de clíticos em português, em contextos excluídos da gramática adulta, como ilhas fortes e contextos reflexivos, se devem a uma sobregeneralização do objeto nulo.

## 4.2. Aquisição de L2

Uma vez apresentados alguns estudos de aquisição de estruturas de topicalização e objeto nulo em L1, chega agora o momento de apresentar alguns estudos de aquisição de L2, permitindo-nos verificar se existe, ou não, um paralelismo na aquisição da língua materna e da língua segunda.

Existem várias hipóteses sobre os estádios inicial e final de aquisição de uma língua segunda, e sobre o percurso de aquisição de propriedades gramaticais. Um exemplo dessas propostas é a Hipótese da Transferência Plena/Acesso Pleno (FT/FA - *Full Transfer/Full Access*) (Schwartz & Sprouse 1994, 1996). A hipótese de FT/FA defende que as representações gramaticais do falante não nativo podem ser idênticas às de um falante nativo no estágio final, sendo que é possível desenvolver conhecimento pleno de uma L2, incluindo as propriedades diferentes das da L1 – embora, inicialmente, se assista à transferência da gramática da L1, os falantes não nativos vão, ao longo do processo de aquisição, desenvolvendo conhecimento de propriedades da L2 distintas das da L1, por acesso direto à Gramática Universal (GU). FT/FA prediz, pois, a possibilidade de sucesso total na aquisição. Quando tal não acontece, isso poderá dever-se a efeitos persistentes da gramática da L1 (ou seja, a um problema de representações gramaticais), ou a problemas a nível da performance (na linha dos *Performance Limitation Accounts*). Lardiere (1998) e Prévost & White (2000), por exemplo, defendem este último tipo de análise para explicar dificuldades na produção de formas morfológicas. Uma posição diferente é a que se encontra representada pelos *Grammatical Impairment Accounts*, segundo os quais há propriedades da gramática que não podem ser adquiridas, predizendo um inevitável sucesso incompleto na aquisição. Esta corrente é seguida por Eubank et al. (1997), por exemplo, também relativamente às formas morfológicas.

Paralelamente, existem ainda algumas teorias quanto à possibilidade de sucesso na aquisição de determinadas áreas de uma segunda língua. Segundo Sorace (2003), Robertson & Sorace (1999) e Tsimpli & Sorace (2006), entre outros, o domínio interpretativo (onde a sintaxe e a semântica estão relacionadas) no estágio final de aquisição de L2 é “vulnerável” e poderá estar mais sujeito a efeitos da L1, ao contrário do que acontece, segundo os autores, com as propriedades sintáticas “puras” (sem interface com outra área), que são mais facilmente adquiridas. Esta questão prende-se fundamentalmente, com a complexidade implicada no processamento de propriedades de interface, que implicaria uma tarefa mental mais árdua que uma propriedade “pura”, “isolada”. Valenzuela (2006) aponta a

vulnerabilidade do domínio interpretativo em estágios avançados como causa para o facto de os falantes testados demonstrarem uma preferência por construções de DEC independentemente da especificidade do tópico, revelando que o conhecimento dessas propriedades não está adquirido.

#### **4.2.1. Aquisição de Estruturas de Topicalização**

Nesta secção, apresentaremos alguns estudos de aquisição de estruturas de Topicalização em L2, à semelhança da secção destinada à aquisição de L1.

**Ferdinand (2002)** elaborou um estudo em que visava testar a aquisição de tópicos marcados por parte de falantes nativos de holandês, alunos do ensino secundário, a aprender francês como segunda língua. No que à marcação de tópicos diz respeito, estas duas línguas são muito distintas: o francês, contrariamente ao holandês, não permite topicalizações. Em francês, as estratégias mais frequentes de marcação de tópico são deslocções à esquerda e à direita – quando o objeto marcado é ativo<sup>9</sup> (informação dada) – e estruturas SVO e clivadas – quando o objeto marcado não está ativo (informação nova). A autora desenhou, então, uma tarefa de elicitación oral de narrativas a partir de imagens, em que se favorecia a produção de construções de marcação de tópico de forma a reintroduzir um tópico prévio, a seleccionar um tópico a partir de um conjunto de referentes possíveis ou a estabelecer um contraste. Os resultados mostraram que não houve transferência da L1, no que às estruturas diz respeito. No entanto, foram utilizadas apenas estruturas de deslocção à esquerda, independentemente do grau de ativação do tópico.

**Parodi (2003)**, por sua vez, testou a sensibilidade a propriedades do tópico em estruturas de DEC, em falantes nativos de inglês a aprender grego e espanhol como segunda língua, de diferentes níveis de proficiência. Para tal, foi construída uma tarefa de juízos de aceitabilidade, com uma escala de classificação. Os resultados mostraram que a definitude do tópico não pareceu ter qualquer papel, sendo que os falantes usaram quase sempre o clítico. Uma possível explicação para estes resultados prende-se com efeitos de transferência de L1: em inglês, as estruturas de Deslocção à Esquerda preenchem a posição de objeto com um pronome, independentemente da definitude do tópico.

**Valenzuela (2006)**, por sua vez, organizou um estudo bidirecional com o objetivo de verificar a aquisição de construções de tópicos marcados em estádios finais de aquisição.

---

<sup>9</sup> Ferdinand (2002) refere-se a “objetos ativos” quando esses “objetos” já haviam sido “ativados”/referidos no discurso. Por “objetos passivos” a autora entende o seu contrário, ou seja, informação nova no discurso.

Dado o facto de nos termos baseado no estudo de Valenzuela para a prossecução do nosso trabalho, descrevê-lo-emos com algum pormenor. O estudo foi baseado em duas tarefas: uma tarefa de seleção de frases e uma tarefa de preenchimento. Nestas tarefas foram testadas a sensibilidade à especificidade dos tópicos em frases raiz e a sensibilidade à especificidade dos tópicos em frases encaixadas.. No estudo 1, as tarefas foram realizadas por 15 falantes nativos de inglês a aprender espanhol como segunda língua e um grupo de controlo de 25 falantes monolingues de espanhol. Os participantes do estudo 2 foram 17 falantes nativos de espanhol a aprender inglês como segunda língua; 15 falantes monolingues de inglês foram testados como grupo de controlo.

O mesmo parece verificar-se em Valenzuela, dado que os resultados das duas tarefas no estudo 1 mostraram que os falantes quase-nativos de espanhol parecem ter adquirido as construções de DEC; todavia, parecem preferir essa construção independentemente da especificidade do tópico. Isto pode indicar que as propriedades interpretativas são, de facto, problemáticas para os quase-nativos. Os dois grupos preferiram, também, construções de DEC com tópicos específicos em contextos encaixados. Para os tópicos não-específicos em contextos encaixados, a resposta desejada seria a rejeição de ambas as opções uma vez que as construções de tópico marcado não podem ocorrer em contextos encaixados, em espanhol. O grupo de controlo mostrou uma forte tendência para a opção “nenhuma”, ao passo que o grupo de quase-nativos escolheu, maioritariamente, a opção “clítico”.

Os resultados do estudo 2 (espanhol L1/ inglês L2), por sua vez, mostraram que os falantes quase-nativos de inglês são sensíveis às propriedades sintáticas que distinguem Deslocação à Esquerda de Deslocação à Esquerda Contrastiva em inglês – semelhante à construção de Tópico Pendente em português. Parecem saber, igualmente, as restrições quanto aos contextos em que a Deslocação à Esquerda Contrastiva pode ocorrer (apenas em frases raiz). No entanto, o grupo de quase-nativos aceita e produz pronomes com tópicos específicos, exibindo influência da L1, um pouco à semelhança do verificado em Parodi (2003). Os dois grupos usaram, corretamente, clíticos com tópicos específicos em frases raiz. Em contextos em que a interpretação era não-específica, no entanto, o grupo de quase-nativos completou-os com um clítico, igualmente. Ambos os grupos produziram, pois, frases com clíticos em contextos específicos. Em contextos em que o tópico não-específico encaixado era apresentado, o grupo de controlo produziu frases sem clíticos e o grupo de quase-nativos produziu frases com clíticos. De referir, igualmente, que Parodi (2003) também observou uma tendência para a generalização da construção com clítico.



**Ivanov (2009)**, por outro lado, elaborou um estudo com 24 falantes nativos de inglês a aprender búlgaro como segunda língua, de níveis avançado e intermédio, e um grupo de controlo de 16 falantes de búlgaro, monolíngues, habitantes na Bulgária, para testar a aquisição do redobro do clítico com tópicos marcados em búlgaro, através de uma tarefa de elicitación de frases precedida de uma explicação da situação em inglês e de um pequeno diálogo. Em búlgaro, tal como noutras línguas balcânicas, a construção de tópico marcado pode conter um clítico na mesma frase que o sintagma determinante que refere (72). A presença do clítico é vista como opcional, havendo casos, no entanto, em que a sua ausência compromete a interpretação da frase, ou, até mesmo, a gramaticalidade da mesma. Assim, quando o objeto é extraído da sua posição canónica e colocado na periferia esquerda com função de tópico, a presença do clítico é obrigatória. Além disso, no caso de o objeto permanecer na posição canónica, se o falante tiver intenção de lhe dar uma interpretação de tópico, a única maneira de o fazer é inserindo o clítico.

(69) A: Njakoj viždal li e Ivan dnes? (Ivanov 2009: 19)

[Alguém viu o Ivan hoje?]

B: Ivan #(go) vidjah sutrinta

[Ivan o vi de manhã]

[Vi o Ivan de manhã]

Os resultados desta tarefa mostraram que o grupo avançado conseguiu adquirir conhecimento dos contextos em que a presença do clítico é obrigatória (quando se pretende marcar o tópico). O comportamento aproximado deste grupo ao do grupo de controlo demonstra, segundo Ivanov (op. cit), que as propriedades de interface (sintaxe-discurso) podem ser adquiridas. Em contrapartida, o grupo intermédio mostra uma grande preferência por frases agramaticais sem clítico, o que revela influência da sua L1, confirmando que, ainda que as propriedades de interface sejam passíveis de aquisição, este pode ser um processo tardio.

Segundo **Slabakova & Ivanov (2011)**, estudos como os de **Ivanov (2009)** demonstraram que os aprendentes de búlgaro como segunda língua, de diferentes níveis de proficiência, desenvolveram conhecimento pragmático que lhes permitiu identificar em que situações a presença do clítico era obrigatória (quando um objeto com função de tópico é deslocado para a periferia esquerda) e quando era opcional (quando o objeto permanece na posição canónica, deve ser redobrado apenas se for interpretado como um de tópico). Para

Valenzuela, os resultados do seu estudo sugerem que os falantes quase-nativos possuem uma gramática muito próxima da dos falantes nativos, em termos de sintaxe, mas que, em termos de interpretação, se observa um caso de fossilização, concluindo-se que os falantes testados não conhecem os efeitos interpretativos dos clíticos. Por outro lado, Ivanov (2009) afirma que, ainda que as interfaces possam, eventualmente, ser problemáticas numa fase inicial de aprendizagem, algumas dessas propriedades são passíveis de serem aprendidas, sendo que num estágio mais avançado, quase final, essas propriedades estariam totalmente adquiridas. Slabakova & Ivanov (2011) alertam, no entanto, para o facto de, no estudo de Valenzuela, a tarefa testar, não só a interface sintaxe-discurso, como propriedades semânticas de definitude e especificidade dos tópicos. Slabakova & Ivanov (2011) propõem, então, que os resultados de Valenzuela (2006) possam ter sido influenciados por questões metodológicas, tendo em conta que a autora testa demasiadas variáveis ao mesmo tempo. Os falantes podem ter-se cingido a uma análise sintático discursiva da tarefa, “ignorando” a informação semântica que permitiria excluir o uso de clíticos de contextos não específicos.

Em suma, os resultados de Parodi (2003) e Valenzuela (2006) mostram que as propriedades interpretativas são adquiridas mais tardiamente que as propriedades meramente sintáticas, como previsto pela hipótese de Sorace (2003) e outros. No entanto, Ivanov (2009) contesta esses resultados, afirmando que as propriedades interpretativas podem ser plena e precocemente adquiridas. Slabakova & Ivanov (2011) afirmam ainda que os resultados obtidos em Valenzuela (2006) com falantes de nível quase-nativo se devem ao facto de a tarefa testar demasiadas variáveis ao mesmo tempo, dificultando o processamento da mesma. De referir também a hipótese de transferência da L1, colocada por Parodi (op. cit). Parodi coloca a hipótese de transferência da L1 quando mostra que os falantes de inglês L1 a aprender grego e espanhol como L2 inserem clíticos em estruturas de Deslocação à Esquerda independentemente da definitude do tópico, como se verifica em inglês.

#### **4.2.2. Aquisição de Estruturas de Objeto Nulo**

Segundo Grüter (2004), têm-se encontrado muitas semelhanças entre as produções espontâneas de crianças com Perturbações Específicas do Desenvolvimento da Linguagem (PEDL) e as produções de crianças a adquirirem uma segunda língua. Por exemplo, num estudo sobre a aquisição da ordem de palavras em sueco (Håkansson & Nettelbladt 1993)<sup>10</sup>, verificou-se que tanto as crianças suecas com PEDL como as crianças a aprenderem o sueco

---

<sup>10</sup> Håkansson, G. & Nettelbladt, U. (1993). *Developmental sequences in L1 (normal and impaired) and L2 acquisition of Swedish syntax*. International Journal of Applied Linguistics 3(2), 3-29. Citado em Grüter (2004).

como segunda língua produziam estruturas agramaticais V3, em vez de estruturas gramaticais V2 (opção correta em sueco).

Dando especial atenção à aquisição de clíticos em L2, Grüter (2004) debruçou-se sobre o caso francês. Nesta língua, os clíticos ocorrem em posição pré-verbal, não podendo ocorrer na posição canónica, ou seja, pós-verbal. No entanto, segundo Grüter & Crago (2010), os aprendentes de francês L2 têm tendência a produzir estruturas que contêm o objeto em posição pós-verbal (70), ou que omitem o objeto (71).

(70) #Elle brosse le chien (Grüter & Crago 2010: 150)

(71) \*Elle brosse (Grüter & Crago 2010: 150)

A segunda opção (omissão) parece ser uma escolha frequente nos aprendentes de francês.

Grüter (2004) dirigiu, então, um estudo com duas tarefas experimentais para testar a produção e compreensão de clíticos. Dois grupos de crianças participaram no estudo – um grupo de controlo de 12 falantes monolíngues francófonos de desenvolvimento típico, 7 crianças falantes de inglês a aprender o francês como segunda língua e 6 falantes francófonos monolíngues com PEDL. A tarefa de produção consistia numa história com imagens que continha 12 contextos para a pronominalização do objeto, ou seja, contextos em que o uso de um pronome, mais do que um sintagma determinante pleno, era a opção mais acertada. Na segunda tarefa, que visava testar a sensibilidade das crianças à presença e à ausência de clíticos, eram mostradas várias frases com verbos transitivos. As frases eram apresentadas acompanhadas por duas ou três imagens. A tarefa da criança seria escolher a imagem que melhor se adaptava à frase dada.

Os resultados obtidos neste estudo apontaram para o facto de a produção de clíticos, em ambos os grupos (crianças com PEDL e crianças a adquirirem o francês como L2), apresentar distúrbios, mas a compreensão estar intacta. Este é um contra-argumento para as abordagens que defendem que as representações gramaticais são defetivas, mas um argumento a favor das hipóteses de acordo com as quais as dificuldades exibidas pelos falantes não nativos são problemas de performance. Segundo a mesma autora, não parece haver grandes diferenças entre os dois grupos, se os analisarmos globalmente. No entanto, se a análise for feita individualmente, no grupo de L2 os contextos em que os testados omitem clíticos na tarefa de produção coincidem com os contextos em que aceitam objetos nulos na tarefa de compreensão, ao passo que no grupo com PEDL não. Em suma, a imagem que se

obtem ao analisar os resultados de grupo aponta para problemas de performance, enquanto, na análise individual, essa imagem só se mantém para os falantes não nativos.

No seguimento destas conclusões, **Grüter (2006)** sugere que os aprendentes de francês europeu começam por omitir clíticos: ainda que tenham a estrutura completa adquirida, não realizam foneticamente o clítico, de acordo com a *Missing Surface Inflection Hypothesis*, de Prévost & White (2000), uma hipótese que se integra no conjunto de propostas de *Performance Limitations Accounts*. A predição é, pois, que a performance dos aprendentes em tarefas de compreensão será melhor que a sua performance em tarefas de produção. Grüter (2006) adota a hipótese da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz 1993, 1994)<sup>11</sup>, que defende, em traços gerais, que, após a derivação sintática, se dá um processo de inserção de vocabulário devidamente flexionado. Se houver problemas com a aplicação deste processo, o que será inserido, por defeito, será a forma não flexionada do item lexical. No caso dos clíticos em francês, a autora assume que a forma por defeito é o morfema zero. Assim, em tarefas de compreensão, estes aprendentes não aceitam estas estruturas, por não admitirem objetos nulos, ou seja, porque, na sua representação mental, a posição de objeto está preenchida.

Grüter (2006) levou, então, a cabo um estudo que permitiu testar a hipótese colocada. Participaram 9 crianças em idade escolar (entre os 7 e os 9 anos, aproximadamente), todas elas falantes nativas de inglês, a assistir a aulas de francês. Foram aplicadas duas tarefas semelhantes às aplicadas em Grüter (2004): uma tarefa de produção elicitada e uma tarefa de Juízos de Verdade. Os resultados deste estudo mostram que nem os aprendentes que produzem objetos nulos, nem os que não o fazem, aceitam objetos nulos em tarefas de compreensão.

Os aprendentes apresentam uma taxa de rejeição do objeto nulo de 80%, o que vai ao encontro da *Missing Surface Inflection Hypothesis*, uma vez que indica que a omissão de clíticos na produção é apenas um caso de não realização morfológica do clítico, ainda que esteja presentes na representação gramatical do falante.

---

<sup>11</sup> Halle, M. & Marantz, A. (1993). "Distributed morphology and the pieces of inflection". In K. Hale & S. J. Keyser (Eds.), *The view from building 20: Linguistic essays in honor of Sylvain Bromberger* (pp. 111–176). Cambridge, MA: MIT Press. Citado em Grüter (2006)

Halle, M. & Marantz, A. (1994). "Some key features of distributed morphology." In *MIT working papers in linguistics*, 21, 275–288. Citado em Grüter (2006)

Os resultados encontrados nos testes de produção elicitada, aplicados por **Grüter & Crago (2010)** a um grupo de espanhol L1 e um de chinês L1 a aprender francês como L2, revelaram que, tal como esperado, o grupo de espanhol L1 produz mais clíticos que o grupo de chinês L1 (que, contrariamente ao espanhol, permite objetos nulos com sintagmas determinantes específicos e referenciais) – indo ao encontro da hipótese de transferência plena. O teste de Juízos de Valor, por sua vez, não mostrou esta assimetria. O grupo de falantes de chinês, tal como o grupo de espanhol, apresenta taxas elevadas de rejeição de objetos nulos, ao contrário do que seria de esperar. Este comportamento leva os autores a colocar a seguinte hipótese: a transferência de L1 limita-se a material realizado e não a categorias vazias.

**Prévost (2006)** aponta, por sua vez, uma outra razão. A causa apontada prende-se com o esforço computacional associado a este tipo de construções, uma vez que se trata de uma estrutura cujas operações computacionais vão para além da simples projeção canónica das frases. A cliticização do objeto, nesta e noutras línguas, implica uma dependência sintáctica da posição de superfície em relação à posição do complemento na estrutura de base. Esta dependência pode ser resultado do movimento do clítico (Kayne 1991), ou de uma relação de ligação entre o clítico gerado na base fora do SV e a categoria vazia na posição de objeto (Sportiche 1996). É assumido, igualmente, seguindo Kayne (1991), que a cliticização do objeto em francês implica propriedades ligadas a categorias funcionais, o que não acontece, por exemplo, em inglês. Todo este processo pode requerer um grande esforço computacional.

**Zyzik (2006)**, de forma a estudar a aquisição destas construções em espanhol L2, analisou dados de produção oral, bem como os juízos feitos em relação a frases com objetos nulos, por falantes, de vários níveis de proficiência, cuja L1 era o inglês. No *corpus* analisado, algumas construções de objeto nulo foram verificadas, principalmente em estruturas coordenadas. Estes resultados sugerem que os objetos nulos em L2 estariam restritos a contextos pragmaticamente apropriados onde os referentes fossem altamente acessíveis: a distribuição dos objetos nulos no *corpus* indicou que estes ocorriam frequentemente com verbos com três argumentos, como “pôr”, em que, por exemplo, em resposta a uma pergunta como “o que é que fizeste aos ovos?”, se tende a omitir o objeto, dando relevância a informação ainda não conhecida. Relativamente à tarefa de juízos de gramaticalidade, os resultados mostraram que os aprendentes de nível elementar aceitam prontamente frases com objetos nulos, ao passo que os falantes de nível avançado os rejeitam quase categoricamente. Uma explicação para estes dados pode relacionar-se com o facto de o objeto nulo ser de difícil

deteção no discurso, dado que alguns objetos se encontram referidos na frase anterior, por exemplo, ou seja, “afastados”. O caso do grupo elementar pode dar-se por estes nem se terem apercebido do objeto nulo e, por isso, terem-no dado como correto.

Em suma, Grüter & Crago (2010) apresenta resultados que vão ao encontro da hipótese de transferência da L1 (espanhol), ou, melhor, da ausência de transferência positiva da L2, uma vez que os falantes testados omitem clíticos em francês L2, o que não é uma produção alvo, dado tratar-se de uma língua sem objetos nulos. Para esta autora, o grupo de L2 apresenta, de facto, um caso de *Missing Surface Inflection*, ao passo que o grupo com PEDL, não. Grüter (2006), por outro lado, sugere que também o grupo de L2 apresenta resultados que corroboram a hipótese da *Missing Surface Inflection*, ou seja, em que a omissão de clíticos na produção é apenas um caso de “não-produção”, ainda que estejam presentes na gramática interna do falante. Grüter & Crago (2010) verificam que há uma maior produção de clíticos por falantes espanhóis (que possuem um sistema de clíticos semelhante ao da L2 – francês), que por falantes chineses (que, contrariamente ao espanhol, permite objetos nulos com sintagmas determinantes específicos e referenciais), ainda que essa assimetria não se verifique nos resultados da compreensão, ou seja, o grupo de chineses não “transfere” o objeto nulo, sugerindo que a transferência de L1 se limita a material realizado e não a categorias vazias e que, na produção, as omissões do grupo de chineses podem ser, mais uma vez, um caso de “não-realização”. Prévost (2006), por outro lado, aponta o esforço computacional associado a este tipo de construções como razão principal para justificar que as omissões são apenas um caso de *Missing Surface Inflection*, e não casos de objeto nulo, dado envolverem operações computacionais que vão para além da simples projecção canónica das frases.

#### **4.3. Síntese e Comparação com Aquisição de L1**

Relativamente à aquisição de estruturas de topicalização em L2, parece consensual que as propriedades sintáticas são passíveis de serem adquiridas plena e precocemente, ainda que autores como Valenzuela (2006), Ferdinand (2002) e Parodi (2003) discordem de Ivanov (2009) no que à aquisição de propriedades interpretativas diz respeito. Valenzuela (op. cit), Ferdinand (2002) e Parodi (2003) referem que a aquisição destas últimas mostra distúrbios ainda em estádios avançados por implicar interface entre duas propriedades distintas, mas Ivanov (op. cit) apresenta resultados que mostram que a aquisição de propriedades interpretativas já está concluída em estádios avançados. De referir também a hipótese de transferência de propriedades pragmáticas da L1, colocada por Parodi (op. cit), também

sugerida por Grüter & Crago (2010) para os objetos nulos. No que a estas últimas construções diz respeito, Grüter (2004) afirma que os falantes poderão não adquirir a estrutura precocemente (daí as omissões observadas na produção), ainda que, no estudo de 2006, conclua que a omissão de clíticos que se verifica na produção poderá ser um caso de *Missing Surface Inflection*. Por outro lado, Güter & Crago (2010) colocam a hipótese de que a transferência de L1 se limita a material realizado e não a categorias vazias e que, na produção, as omissões podem, de facto, ser um caso de mera “não-realização”. Prévost (2006), por outro lado, aponta o esforço computacional associado a este tipo de construções de forma a justificar a omissão como um caso de não-produção e não como um objeto nulo: trata-se de operações computacionais que vão para além da simples projeção canónica das frases, o que podia ser aplicado a estruturas de Topicalização, dado o paralelismo estabelecido com o objeto nulo. No entanto, os resultados para as estruturas de topicalização, que também implicam operações computacionais complexas, mostraram que não parece haver problemas a nível da sintaxe, o que cria objeções à proposta de Prévost.

Paralelamente a estes dados, os resultados da aquisição de L1 mostraram que as construções de topicalização e objeto nulo (Costa & Lobo 2007, 2009, 2010) são adquiridas precocemente, bem como as suas propriedades pragmáticas de adequação ao contexto (Abalada, 2011 e De Cat, 2009), tal como defendido por Ivanov (2009) e Slabakova & Ivanov (2011) para a aquisição L2.

## **5. Estudo: hipóteses, metodologia, resultados, análise e discussão**

Este estudo tem como objectivo testar a sensibilidade de aprendentes de português L2 à especificidade dos tópicos e a certas restrições sintáticas, em construções de Top e DEC e Objeto Nulo e construções com clítico, permitindo verificar se os juízos feitos pelos falantes revelam influência da gramática da língua materna, e/ou uma aquisição em progresso ou já uma aquisição plena das propriedades da gramática da língua segunda.

### **5.1. Hipóteses**

Segundo a Hipótese de Transferência Plena/Acesso Pleno (Schwartz & Sprouse 1994, 1996), o falante não nativo transfere inicialmente a gramática da sua L1, podendo, nos estádios seguintes, desenvolver conhecimento de propriedades da L2 distintas das da L1, por acesso direto à Gramática Universal, como se verifica na aquisição de língua materna. Nos estudos de Valenzuela (2006), Ferdinand (2002), Parodi (2003) e Ivanov (2009), os resultados demonstraram que as propriedades sintáticas são passíveis de serem adquiridas plenamente na L2, à semelhança do que se verifica para a L1, de acordo com os estudos apresentados em Carrilho (1994), Soares (2006) e Abalada (2011). Ainda que Sorace (2003) e outros defendam que as propriedades interpretativas não estão ainda plenamente adquiridas em estádios avançados, contrariamente ao que acontece com propriedades sintáticas, basear-nos-emos, aqui, na proposta de Ivanov (2009), corroborada por Slabakova & Ivanov (2011), de que estas propriedades, em estádios avançados, já poderão estar plenamente desenvolvidas, estabelecendo uma ponte com as hipóteses de Abalada (2011), Costa et al. (2008) e outros, que defendem o mesmo para a aquisição de L1. Seguindo esta perspetiva, colocamos as seguintes hipóteses:

- 1- No nível elementar, assiste-se à transferência de propriedades da L1, manifestadas por:
  - a) Correlação entre a especificidade do tópico e o tipo de construção (preferência por Top com tópicos [-esp] e por DEC com tópicos [+esp], por parte dos falantes de espanhol L1/português L2);
  - b) Aceitação de construções de Top e DEC em frases raiz e encaixadas (Bosque 1999), ou rejeição de Top em frases encaixadas, se seguirmos Valenzuela (2006). Ambas as construções são excluídas de contextos de ilhas fortes.
- 2- No nível avançado, a aquisição das restrições semânticas e sintáticas destas construções está (quase) completa. Assim, observa-se:



- a) Preferência por Top com tópicos [-esp] e aceitação das duas opções com tópicos [+esp];
- 3- Aceitação de Top e DEC em frases raiz e encaixadas e, em ilhas fortes, não haverá diferenças relativamente ao grupo de controlo;
- 4- Tratando-se de uma construção específica de Topicalização, os juízos e as produções para a condição de Objeto Nulo são paralelos aos da Topicalização.

## **5.2. Estudo**

### **5.2.1. Participantes**

Neste estudo participaram falantes de espanhol como língua materna, aprendentes de português como língua segunda, de níveis avançado (N=15) e elementar ((N=15). Todos os falantes de espanhol L1 de nível elementar nunca tinham vivido fora de Espanha, à exceção dos últimos meses (até 3 meses), em que já viviam em Portugal. Os testados de nível elementar eram estudantes de português como língua estrangeira na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, com idades compreendidas entre os 20 e os 25 (~22,06), a aprender português há um ano, à exceção de um caso particular, em que o elemento já estudava português há 2 anos, ainda que permanecesse num nível elementar. Os testados de nível avançado eram professores, com idades compreendidas entre os 33 e os 44 (~38,3), e viviam em Portugal há mais de 5 anos,. Todos eles começaram a aprender português quando vieram para Portugal, ainda que dois elementos aprendessem a língua formal e informalmente desde a sua chegada, ao passo que os restantes só aprenderam a língua em contexto informal. Os níveis de proficiência foram estabelecidos através de testes de posicionamento aplicados no início do curso. Em relação ao grupo avançado, a aferição de nível foi feita pelo número de anos que residiam em Portugal e por uma conversa informal que visava verificar se a fluência era boa. Todos os elementos elaboraram as três tarefas.

Para controlar os resultados, recorreu-se a um grupo de 15 falantes de português como língua materna, monolingues, com idades compreendidas entre os 20 e os 70 anos (~38,2).

### **5.2.2. Procedimentos Gerais**

Estes testes foram aplicados aos grupos elementar, avançado e de controlo anteriormente referidos. Depois de entrar em contacto com os elementos, foram agendadas sessões individuais de aplicação de testes. Essas sessões decorreram em gabinetes e salas de

aula reservados para o efeito, para que nenhum ruído perturbasse os juízos e produções dos falantes, e duraram, em média, 40 a 50 minutos.

### 5.2.3. Tarefa 1

Esta é uma tarefa de produção elicitada, em que os participantes devem construir até ao máximo de duas frases, a partir de constituintes sintáticos que lhes são apresentados em caixas individuais (“o menino”, “o bolo”, etc), em resposta a uma questão previamente contextualizada.

#### 5.2.3.1. Metodologia

Foram construídos 10 itens que visaram testar a produção de construções de Topicalização e o conhecimento das restrições discursivas associadas às mesmas. Discursivamente, a construção pode ter várias funções (cf. secção 1.1.2. acima): (i) introduzir um novo tópico no discurso; (ii) reintroduzir um constituinte do comentário anterior como o novo tópico; (iii) permitir contrastar predicções. Neste teste, nos itens através dos quais se procurou eliciar construções de topicalização, esta teria como função (re)introduzir um novo tópico.

Construímos contextos que elicitassem estruturas canónicas e topicalizações. Para tal, e através de vocabulário acessível, foi fornecido aos falantes um conjunto de expressões que deviam ser ordenadas de diferentes maneiras, de forma a formar uma frase em resposta a uma pergunta inicial. A ordem de apresentação desses elementos foi sempre a mesma (V, NP (Suj), NP (Complemento de Objeto Direto), SP). Todas as frases eram constituídas por um sujeito realizado como sintagma nominal, contendo um nome próprio, um verbo no pretérito perfeito, um objeto direto [+definido], [+específico], [-animado] e um sintagma preposicional.

Metade dos itens que constituem o teste favorece respostas com Topicalização do objeto direto (condição Top), ainda que elicite, simultaneamente, respostas com ordem canónica, por conterem uma pergunta com o formato “O que é que aconteceu a **COD**?”, ao passo que a questão para os outros itens é apresentada sob a forma de “O que é que aconteceu?”, permitindo apenas respostas com ordem canónica (condição N Top). Segundo Costa (2000), para eliciar uma ordem SVO com sujeitos definidos é necessário que o sujeito seja conhecido ou que o contexto discursivo seja neutro (como é o caso dos contextos em que a questão é apenas “O que é que aconteceu?”) ou que tanto o sujeito como o objeto sejam conhecidos (como nos contextos em que a questão colocada é “O que é que aconteceu a XP

(COD)?”). Em ambos os casos SVO é possível, ainda que, no segundo caso, OSV também o seja, com topicalização do objeto.

Alguns exemplos das condições testadas encontram-se no quadro seguinte (72) (para a lista completa de itens, ver anexo 1).

(72)

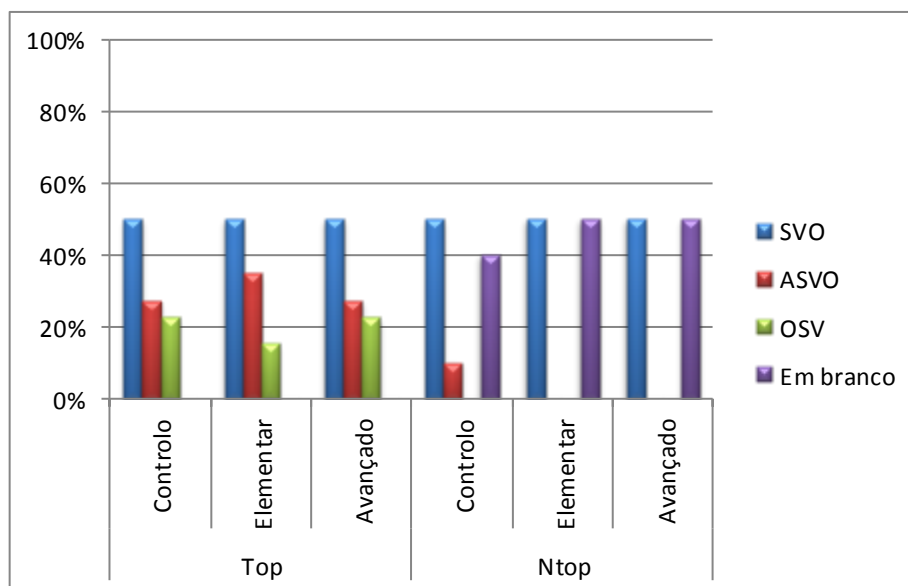
Condição	Item	Respostas Possíveis
<b>Top</b>	<i>comeu; o bolo; o João; ao lanche</i> Questão: (Contexto) O que é que aconteceu ao bolo?	1- O João comeu o bolo, ao lanche. 2- O bolo, o João comeu ao lanche.
<b>Ñ Top</b>	<i>comeu; o bolo; o João; ao lanche</i> Questão: (Contexto) O que é que aconteceu?	1- O João comeu o bolo inteiro ao lanche.

#### 5.2.3.2. Procedimentos

Depois de recolhidos os dados, foi necessário criar uma etiqueta para cada tipo de resposta, de forma a facilitar a análise quantitativa dos mesmos. O que apelidaremos de “em branco” refere-se ao facto de os terem apresentado, apenas, uma opção de resposta.

#### 5.2.3.3. Resultados

Os resultados da tarefa de produção de construções de Topicalização são mostrados na **Figura 1**.



**Figura 1.** Resultados da Tarefa de Produção de Topicalização (SVO(A) = Ordem canónica com adverbial posposto; ASVO= Ordem canónica com modificador anteposto; OSV(A) = Topicalização; Em branco = espaço sem resposta)

Na Figura 1 estão apresentados os resultados da tarefa de produção de Topicalização. O grupo de controlo, na condição Top, deu sempre duas hipóteses de resposta (visto não haver nenhuma “Em branco”). Observamos que 50% dessas respostas foram SVO, ou seja, em todos os itens Top, os falantes admitiram a estrutura canónica como resposta possível à pergunta feita. A segunda resposta dada variou entre ASVO (27,3%) e OSV (22,7%). Estes dados revelam conhecimento destas construções por parte dos falantes, ainda que construções de Top não sejam a resposta preferencial. O facto de o mesmo grupo nunca ter optado por estruturas de Topicalização na condição N Top, mostra, igualmente, conhecimento dos contextos pragmático-discursivos em que essa construção pode ocorrer. Também nesta condição, os falantes produzem respostas com ordem canónica SVO (50%), admitindo como alternativa, apenas, a estrutura ASVO (10%), ainda que, na maior parte dos casos, o espaço para a segunda alternativa tenha sido deixado em branco (40%).

O grupo elementar, por sua vez, parece, à semelhança do grupo de controlo, aceitar estruturas SVO como resposta às duas condições (50%). As alternativas de resposta, na condição Top foram ASVO (34,7%) e OSV (15,3%) que, ainda que em percentagens diferentes, revelam o mesmo que os dados do grupo de controlo: os falantes produzem a estrutura de Topicalização num contexto discursivamente adequado, ainda que esta não seja a sua opção preferencial de resposta. Podemos dizer, igualmente, que também conhecem os

contextos em que essas construções não podem ocorrer, dado que, à semelhança do grupo de controlo, nunca usaram Topicalizações como opção de resposta na condição N Top (nem qualquer outra opção).

O grupo avançado parece seguir o mesmo padrão dos grupos anteriores, ainda que com percentagens diferentes. Para ambas as condições, 50% das respostas, ou seja, uma das hipóteses de resposta, foi sempre SVO. A segunda opção dada na condição Top foi ASVO (27,3%) ou OVS (22,7), ou seja, percentagens idênticas às do grupo de controlo, revelando conhecimento das estruturas de Topicalização, ainda que esta não seja a opção predileta. Na condição N Top, o facto de este grupo nunca usar estruturas de Topicalização como resposta corrobora, mais uma vez, a hipótese de que estes falantes já conhecem os contextos em que estas estruturas podem ocorrer. Nenhuma alternativa foi dada, nesta condição.

#### **5.2.4. Tarefa 2**

Esta é uma tarefa de produção elicitada e resulta da adaptação do teste de Costa & Lobo (2007). No estudo destes autores é encenada uma história, em que o experimentador fala com um fantoche. Na nossa versão, é apresentada uma imagem e o experimentador faz uma pergunta ao participante. No início da tarefa é dito ao sujeito que este não pode responder apenas “sim” ou “não”, de forma a elicitare respostas verbais.

##### **5.2.4.1. Procedimentos**

Depois de recolhidos os dados, foi necessário criar uma etiqueta para cada tipo de resposta, de forma a facilitar a análise quantitativa dos mesmos.

##### **5.2.4.2. Metodologia**

Foram construídos 20 itens, 5 dos quais visaram testar a aquisição de construções de objeto nulo. Nesta fase, o objetivo seria apenas testar a produção destas construções, não a aquisição das restrições associadas às mesmas, através de perguntas que elicitassem respostas verbais. O vocabulário usado foi simples, para que esse factor não pudesse influenciar a produção, e os tópicos eram [+específico] [+feminino] (para uma melhor percepção da resposta dada na condição de produção de clítico). Como itens de controlo, criámos 5 itens que elicitassem clíticos para que nos fosse possível verificar se, no caso de haver omissão do objeto em contexto de objeto nulo, essa omissão corresponderia apenas a um clítico não realizado ou um verdadeiro objeto nulo. Estes dados serão confrontados com os da tarefa de compreensão, para que seja mais fácil fazer uma análise dos resultados obtidos em ambas.

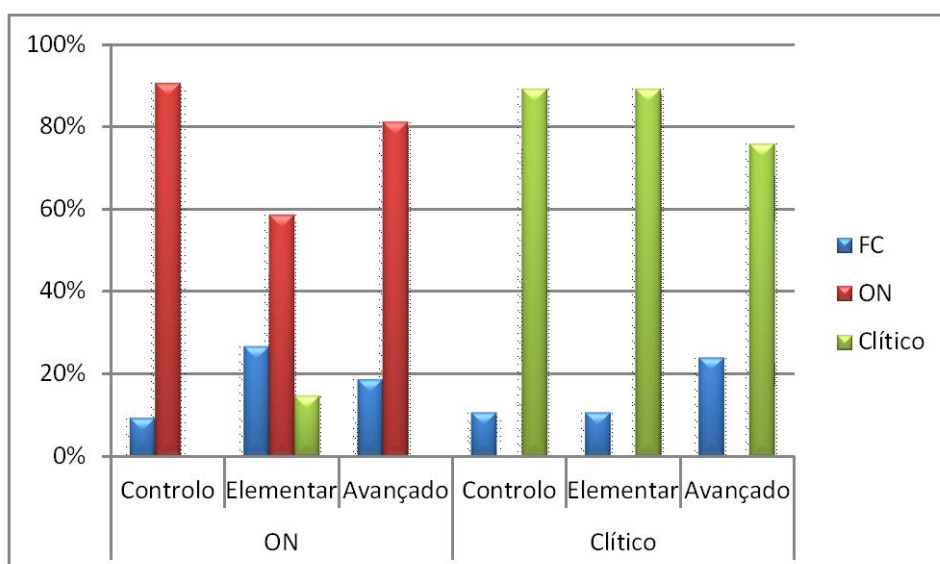
Foram também incluídos 10 distratores. Alguns exemplos das condições testadas encontram-se no quadro seguinte (73) (para a lista completa de itens, ver anexo 2).

(73)

Condição	Item	Resposta
<b>ON(Objeto Nulo)</b>	A: O menino ligou a luz? B: _____	“ligou”
<b>Clítico</b>	B: O menino apagou a lanterna? A: _____	“ligou-a”
<b>Dist(ratores)</b>	O menino ligou um rádio?	“uma lanterna”

#### 5.2.4.3. Resultados

Os resultados da tarefa de produção de construções de Objeto Nulo são mostrados na **Figura 2**.



**Figura 2.** Resultados da Tarefa de Produção de Objeto Nulo (FC = Frase completa com SN de objeto realizado; ON= Resposta verbal com Objeto Nulo; Clítico= Resposta verbal com clítico)

Na Figura 2 estão apresentados os resultados da tarefa de produção de Objeto Nulo. Como se observa, o grupo de controlo na condição ON produz, maioritariamente, e como esperado, construções de Objeto Nulo (90,7%), ainda que 9,3% das respostas dadas tenham sido frases completas (Por exemplo: “o menino ligou a luz”). Na condição Clítico, o mesmo

grupo opta, como esperado, por construções com clítico (89,3%), apresentando, à semelhança da condição ON, uma pequena percentagem de respostas com frases completas (10,7%). O grupo elementar, por sua vez, na condição ON, optou por construções de Objetos Nulos em 58,7% dos casos, por frases completas em 26,7% das respostas e por construções com clíticos em 14,7% dos casos, o que parece revelar que este grupo não domina ainda os contextos que não favorecem a realização do clítico. Na condição de clítico, o mesmo grupo produz 89,3% das respostas com clíticos e as restantes com frases completas. O grupo avançado, por fim, na condição ON produz 81,3% das respostas com Objeto Nulo e as restantes com frases completas. Na condição Clítico, o mesmo grupo preferiu produzir estruturas com clíticos (76%) e frases completas (24%).

Através destes dados, podemos concluir que os falantes produzem maioritariamente objetos nulos em contextos que elicitam essas construções e, em contraste, realizam clíticos em contextos que os favorecem. Esta tendência é ligeiramente clara no grupo elementar, embora seja significativo o facto de que mesmo este grupo não regista omissões na condição “Clítico”. No entanto, apenas os dados de compreensão permitirão afirmar se a omissão do objeto é, de facto, um objeto nulo, ou um caso de *Missing Surface Inflection*, ou seja, em que a omissão do clítico é uma questão de performance e, não, de representação mental da estrutura, ainda que a assimetria verificada nos dois contextos (e o paralelismo com o grupo de controlo) pareça indicar que os aprendentes atribuem interpretações diferentes a clíticos e a omissões de clíticos.

### **5.2.5. Tarefa 3**

Esta é uma tarefa de juízos de gramaticalidade, em que os participantes devem ajuizar sobre a gramaticalidade das frases apresentadas.

#### **5.2.5.1. Procedimentos**

Na análise de dados da Tarefa 3, foi necessário codificar quantitativamente as respostas “sim” e “não” com “1” e “0”, respectivamente, para uma melhor análise.

#### **5.2.5.2. Metodologia**

Foram construídos 44 itens que visaram testar a aquisição das restrições semânticas e sintáticas associadas às construções de construções de tópico marcado e objeto nulo. Para tal, foram testadas 3 condições: frases raiz com tópicos [+esp] (6 Top e 6 ON); frases raiz com tópicos [-esp] (6 Top e 6 ON); ilhas fortes com tópicos [+esp] (6 Top e 6 ON). A tarefa

incluiu também 2 condições de controlo, correspondentes a estruturas que permitem extração, com tópicos [+esp] (4 Top e 4 ON).

Cada frase, precedida de uma pergunta, era acompanhada por uma imagem que representava a ação descrita, de forma a colmatar dificuldades de compreensão provocadas pela falta de vocabulário dos falantes. Para facilitar a perceção das estruturas, e tendo em conta que estas frases apresentam características prosódicas marcadas, um ficheiro áudio acompanhava cada frase. Os falantes teriam de responder “sim” ou “não”, consoante o juízo de gramaticalidade que fizessem sobre a frase apresentada. Alguns exemplos das condições testadas encontram-se no quadro seguinte (74) (ver anexo 3, para a lista completa de itens e respetivos estímulos).

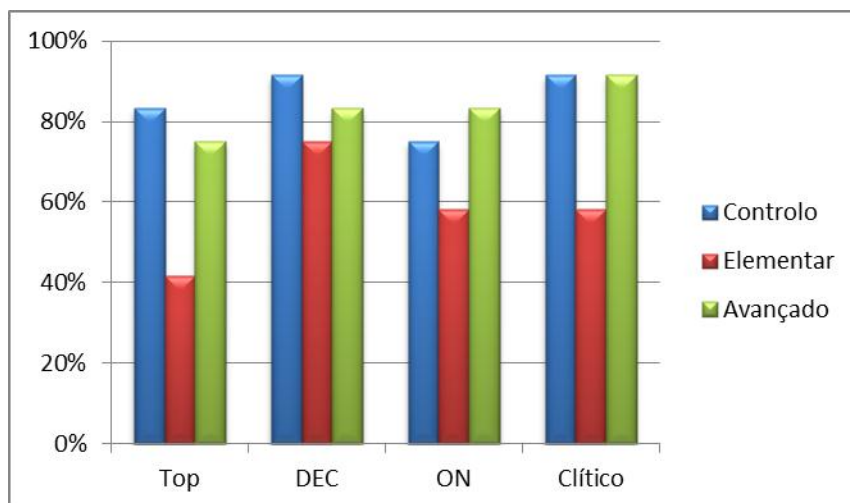
(74)

	<b>Topicalização</b>	<b>Objeto Nulo</b>
<b>+ Específico</b>	A revista, o João arrumou(-a) no armário.	Comprou a ¡Hola! e leu(-a) durante a tarde.
<b>- Específico</b>	Cães, eu adoro(*-os), gatos não.	Adoro gambas(*-as) e compro frequentemente.
<b>Ilhas Fortes</b>	O carro, a Maria chorou quando o pai *[-]/?-o vendeu.	*Ele comprou o carro quando o vizinho *[-]/?-o vendeu.
<b>Contextos Permitidos (Encaixados)</b>	Aquela bola, o Pedro acha que o João (a) comprou a semana passada.	O Pedro acha que o João (o) arrumou no armário.

#### 5.2.5.3. Resultados

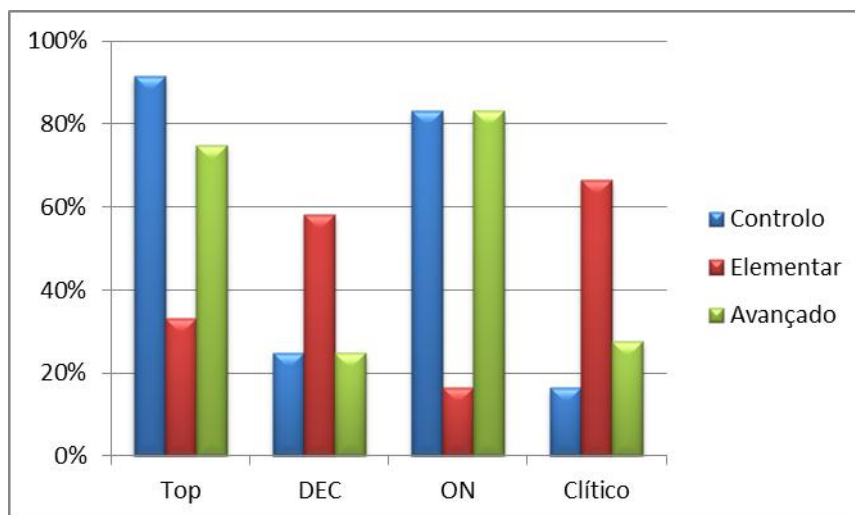
Os resultados da tarefa de compreensão são mostrados nas figuras seguintes.





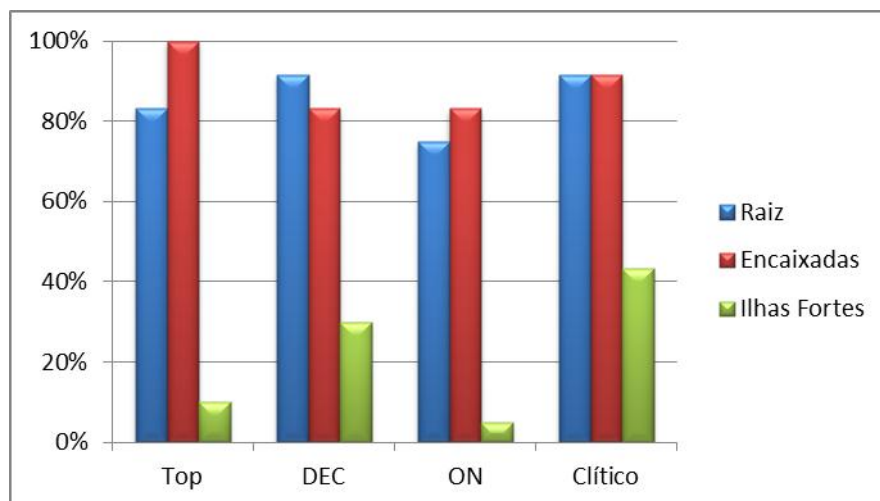
**Figura 3.** Resultados da Tarefa de Juízos de Gramaticalidade para a condição de Tópicos Específicos em Frases Raiz (percentagens de aceitação)

A figura 3 mostra as percentagens de aceitação das quatro construções com tópicos específicos. O grupo de controlo parece aceitar Top (83%), DEC (92%), ON (75%) e construções com clíticos (91,6%) com este tipo de tópicos. Relativamente ao grupo elementar, as construções de Top com tópicos específicos só são aceites em 40% dos casos. Para as restantes construções, a aceitação é sempre superior a 50 % (DEC 75%, ON 58,3%, Clítico 58,3%). O facto de haver uma maior aceitação de DEC que de Top, por parte deste grupo, pode relacionar-se com o facto de, em espanhol, DEC ser a única opção gramatical com tópicos específicos. No entanto, as taxas de aceitação de objetos nulos e clíticos são idênticas. Parece haver uma evolução positiva na aceitação destas construções com tópicos específicos, do grupo elementar para o grupo avançado. Este último aceita 75% das construções de Top, 83% das construções de DEC apresentadas, 83% das construções de ON e 91,6% das construções com clíticos.



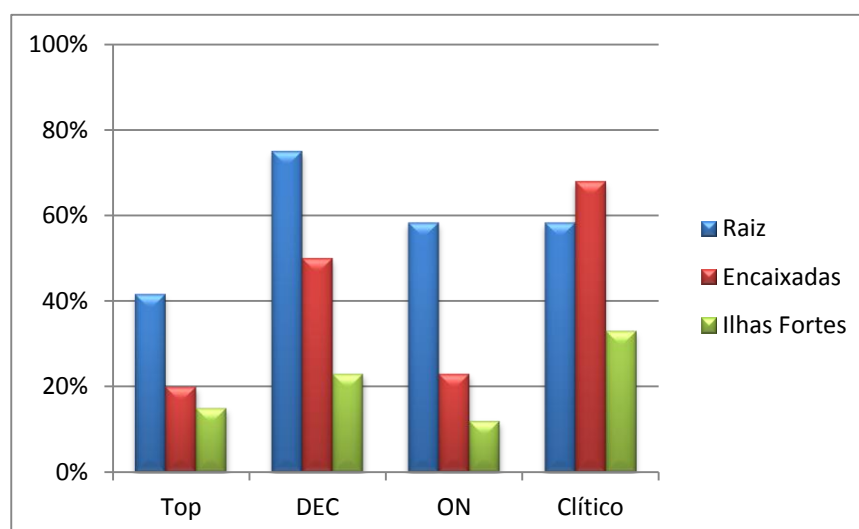
**Figura 4.** Resultados da Tarefa de Juízos de Gramaticalidade para a condição de Tópicos Não Específicos em Frases Raiz

A figura 4 mostra as percentagens de aceitação das construções com tópicos não específicos. O grupo de controlo parece aceitar construções de Top (92%) e de ON (83%) com este tipo de tópicos, mas rejeitar a maioria das construções de DEC e das construções com clíticos, aceitando apenas 25% e 16,6%, respetivamente. O grupo elementar, por sua vez, parece aceitar construções de DEC (58,3%) e construções com clítico (66,6%) com este tipo de tópicos, mas recusar Top e ON, aceitando apenas 33,3% das construções de Top e 16,6% das construções de ON. O grupo avançado, por sua vez, já se aproxima mais dos resultados do grupo de controlo, sendo que aceitam a maioria das construções de Top (75%) e de ON (83%), mas aceitam uma percentagem baixa de DEC (25%) e de construções com clíticos (28%).



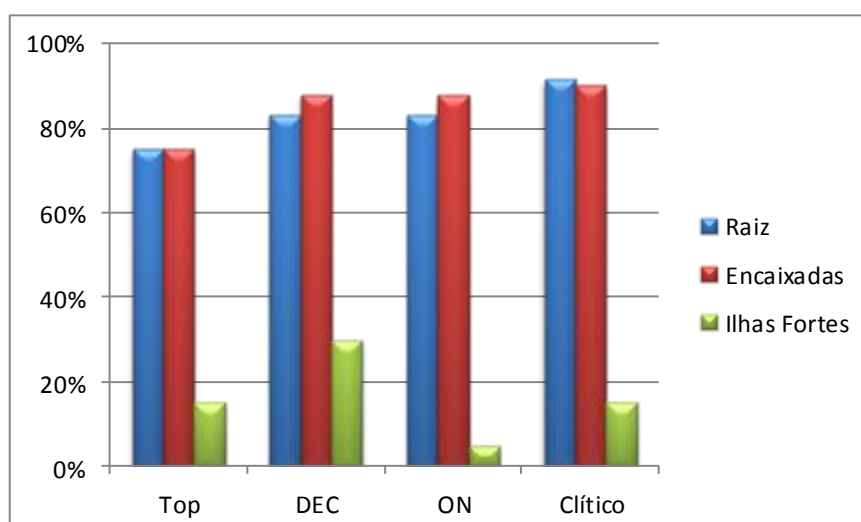
**Figura 5.** Resultados da Tarefa de Juízos de Gramaticalidade do Grupo de Controlo para as condições “Frases Raiz”, “Frases Encaixadas” e “Ilhas Fortes” com Tópicos Específicos

A figura 5 mostra as percentagens de aceitação do grupo de controlo das quatro construções em contextos raiz, contextos encaixados e ilhas fortes, com tópicos específicos. O grupo de controlo parece aceitar Top em frases raiz (83%), em frases encaixadas (100%), mas não em ilhas fortes (10%). Paralelamente a estes resultados, encontramos os valores para as construções de ON. Este grupo aceita ON com frases raiz (75%), frases encaixadas (92%), mas não em contexto de ilha forte (5%). DEC e as construções com clítico apresentam um padrão semelhante, ou seja, são amplamente aceites em frases raiz e encaixadas, mas excluídas de filhas fortes, ainda que a percentagem de aceitação dessas construções em ilhas fortes seja superior à percentagem de aceitação das construções de Top e ON. Assim, vejamos: o grupo aceita 92% das construções de DEC em frases raiz e 91% de construções com clíticos, na mesma estrutura; aceita 83% de DEC em frases encaixadas e 92% de construções com clíticos; aceita 30% de DEC em ilhas fortes e 43,3% de construções com clítico nos mesmos contextos.



**Figura 6.** Resultados da Tarefa de Juízos de Gramaticalidade do Grupo Elementar para as condições “Frases Raiz”, “Frases Encaixadas” e “Ilhas Fortes”

A figura 6 mostra as percentagens de aceitação do grupo elementar de construções de tópicos marcados em frases raiz, frases encaixadas e ilhas fortes. O grupo elementar aceita construções de Top (42%), DEC (75%), ON (58,3%) e construções com clíticos (58,3%) em frases raiz. Em contrapartida, o mesmo grupo parece rejeitar construções de Top e ON em frases encaixadas, aceitando apenas 20% das estruturas de Top e 23% das estruturas de ON, por oposição à aceitação de 50% de construções de DEC e 68% de construções com clíticos. O mesmo grupo parece aceitar poucas das construções em contexto de ilha forte, ainda que a percentagem de aceitação de DEC (23%) e construções com clítico (33%) seja superior à percentagem de aceitação de Top (15%) e ON (12%) nesse contexto.



**Figura 7.** Resultados da Tarefa de Juízos de Gramaticalidade do Grupo Avançado para as condições “Frases Raiz”, “Frases Encaixadas” e “Ilhas Fortes”

A figura 7 mostra as percentagens de aceitação do grupo avançado de construções de tópicos marcados em frases raiz, frases encaixadas e ilhas fortes. O grupo avançado parece aceitar construções de Top (75%), DEC (83%), ON (73%) e construções com clítico (91,6%) em frases raiz, bem como as mesmas construções em frases encaixadas, sendo que aceitam 75% das construções de Top, 88% de DEC, 88% de ON e 90% de construções com clítico. Paralelamente ao que acontece com o grupo elementar, o grupo avançado parece rejeitar todas as construções com ilhas fortes, ainda que aceite uma maior percentagem com DEC (30%), que com Top (15%), ON (5%), ou construções com clíticos (15%).

### **5.3. Discussão de Dados**

Descritos os dados recolhidos, é importante discuti-los, relacionando-os com as hipóteses de trabalho formuladas no início deste estudo.

Começamos por referir que, através das tarefas de produção, é possível concluir que os falantes conhecem e produzem estruturas de Topicalização e Objeto Nulo, um pouco à semelhança do verificado em estudos como os de Ferdinand (2002), Parodi (2003), Valenzuela (2006) e Ivanov (2009) (para a Topicalização). Carrilho (1994), Soares (2006), Abalada (2011), De Cat (2009), Costa & Lobo (2007, 2009, 2010) entre outros verificaram o mesmo para a aquisição de construções de Topicalização e Objeto nulo em L1. Os estudos sobre a aquisição de clíticos em L2, por outro lado, parecem sugerir que as omissões do objeto são, na realidade, um caso de Missing Surface Inflection e, não, um caso de objeto nulo (Grüter (2006) e Grüter & Crago (2010)). Seguimos agora para as hipóteses de trabalho.

A **primeira hipótese** do nosso trabalho predisse que, no nível elementar, se assistiria à transferência de propriedades da L1, manifestadas por:

- a) Correlação entre a especificidade do tópico e o tipo de construção (preferência por Top com tópicos [-esp] e por DEC com tópicos [+esp], por parte dos falantes de espanhol L1/português L2).**

É, então, importante referir os dados do grupo elementar nas condições de especificidade. Começámos por observar que o grupo elementar aceitou uma maior percentagem de construções de Deslocação à Esquerda Clítica (75%) que de construções de Topicalização (40%) com tópicos específicos em frases raiz. Sem mais valores, poder-se-ia dizer que estes resultados seriam reflexo de transferência de L1 (uma vez que, em Espanhol, apenas as construções de DEC são compatíveis com tópicos específicos), como previsto pela primeira hipótese deste trabalho e seguindo a hipótese de Transferência Plena/Acesso Pleno.

Esta interpretação, no entanto, é contestada pelos valores observados para os tópicos não específicos, dado que os falantes aceitaram DEC nestes contextos (58,3%) e essa percentagem foi superior à de aceitação de Top (33,3%). Estes resultados não espelham nenhuma das duas gramáticas (portuguesa e espanhola), dado que a DEC é incompatível com tópicos não específicos e Top é compatível com os mesmos em ambas as línguas.

Outra evidência a favor da hipótese de transferência de propriedades da L1 seria, como previsto por nós no início deste trabalho:

**b) Aceitação de construções de Topicalização e DEC em frases raiz e encaixadas (Bosque 1999), ou rejeição de Top em frases encaixadas, se seguirmos Valenzuela (2006). Ambas as construções seriam excluídas de contextos de ilhas fortes.**

Analisando os dados da Tarefa de Juízos de Gramaticalidade, nas condições de “frases raiz”, “frases encaixadas” e “ilhas fortes”, dos falantes de nível elementar, talvez possamos chegar a algumas conclusões. O grupo elementar aceitou 42% das construções de Top e 75% das construções de DEC em frases raiz. Mais uma vez, assiste-se a uma preferência por DEC, em relação a Top, em contextos em que as duas construções são possíveis em ambas as línguas. Em frases encaixadas, o padrão mantém-se, dado que os falantes apenas aceitaram 20% de construções de Top nesses contextos, mas aceitaram 50% das construções com DEC. Ainda que se tenha vindo a assistir a uma tendência por parte deste grupo, manifestado por uma preferência por DEC, neste caso, este comportamento, aliado ao facto de Top ser quase totalmente rejeitada, pode ser explicado se admitirmos transferência da L1, dado que, segundo Valenzuela (2006), Top não pode ocorrer em frases encaixadas. Relativamente às ilhas fortes, este grupo rejeita quase totalmente todas as construções neste contexto, ainda que a percentagem de aceitação de DEC (23%) seja superior a Top (15%), o que revela, mais uma vez, uma preferência por DEC.

A **segunda hipótese** deste trabalho predisse que, no nível avançado, a aquisição das restrições semânticas e sintáticas destas construções já estaria concluída, ou em fase de conclusão. Assim:

**a) Preferência por Top com tópicos [-esp] e aceitação das duas opções com tópicos [+esp].**

A discussão desta hipótese obriga a análise dos dados do grupo avançado na condição de especificidade. Este grupo preferiu, também ele, construções de DEC (83%) a construções de Top (75%) com tópicos específicos, ainda que tenha aceite ambas as construções. Com

tópicos não específicos, por outro lado, este grupo aproximou-se dos juízos do grupo de controlo e do previsto pela gramática do português, contrariamente ao nível elementar, aceitando Top (75%) e rejeitando DEC (25% de aceitação). Estes resultados parecem contrariar a hipótese colocada por Sorace (2003), Robertson & Sorace (1999) e Tsimpli & Sorace (2006), e corroborada por Valenzuela (2006), que afirma que o domínio interpretativo seria vulnerável, mesmo em estádios avançados de aquisição. Ainda que rejeitem esta hipótese, os dados recolhidos neste trabalho, dada a proximidade dos resultados do grupo de controlo, parecem ir ao encontro da proposta de Ivanov (2009) e Slabakova & Ivanov (2011), que defende que as propriedades interpretativas, ainda que possam ser adquiridas tardiamente, já podem estar adquiridas em estádios avançados. Assumindo então, aqui, que a aquisição plena de uma propriedade da L2 diferente da L1 implica acesso à GU, não será descabido fazer a ligação com a aquisição de L1. Em estudos como Soares (2006) e De Cat (2009), as crianças demonstraram não só o conhecimento sintático das construções de Top como, também, o conhecimento pragmático necessário ao uso destas estruturas em contextos adequados. De realçar aqui, no entanto, que Valenzuela (2006) testa propriedades semânticas, como a especificidade, ao passo de De Cat (2009) estuda a aquisição de propriedades pragmáticas. É importante reconhecer que estas duas propriedades interpretativas têm estatutos diferentes e que isso pode impedir que se faça uma comparação entre estes dois estudos. .

A aquisição das propriedades da L2 também seria manifesta através de:

- b) Aceitação de Top e DEC em frases raiz e encaixadas, ainda que excluindo estas construções de contextos de ilhas fortes, seguindo Duarte (1987, 2003), ou aceitando apenas DEC, seguindo Raposo (1998).**

Analisando os dados do grupo avançado, observamos que há uma grande aceitação de construções de Top (75%) e de DEC (83%) em frases raiz, à semelhança do grupo de controlo, ao contrário do verificado no nível elementar (que apresentou um baixo valor de aceitação de Top nestes contextos). Estas construções também foram aceites em frases encaixadas, como previsto para a gramática do português, ainda que, tal como para as frases raiz, se tenha assistido a uma preferência por DEC (88%) em detrimento de Top (75%) – paralelamente ao verificado no grupo elementar. No que às ilhas fortes diz respeito, os elementos do grupo avançado rejeitaram DEC e Top, ainda que a percentagem de aceitação de DEC (30%) tenha sido superior à percentagem de aceitação de Top (15%) – padrão que se tem vindo a verificar para os grupos elementar e avançado. Este resultado pode relacionar-se

com dois factores: 1) a preferência por DEC em relação a Top, quando ambas são possíveis; 2) o facto de, segundo Raposo (1998), em português, a DEC não ser sensível a ilhas fortes. Não é isto, porém, que os resultados do grupo de controlo indicam

Dado os tópicos que testaram as propriedades sintáticas serem sempre específicos, isso poderia influenciar a preferência acentuada por DEC. No entanto, a aceitação de Top com tópicos específicos, por parte de ambos os grupos, permitiu excluir a influência da especificidade nos juízos feitos para as propriedades sintáticas.

**A última previsão feita neste trabalho foi a de que, tratando-se de uma construção específica de Topicalização, os juízos e as produções para o Objeto Nulo seriam paralelos aos da Topicalização.**

Ao longo do teste, o paralelismo entre os juízos feitos para Topicalização/Deslocação à Esquerda Clítica e Objeto Nulo/Construções com Clítico foi óbvio. De facto, para os grupos testados, Topicalização e Objeto Nulo são ambas tratadas como construções de tópico marcado e analisadas da mesma forma, com as mesmas propriedades associadas, quer sejam de cariz semântico, quer sejam de cariz sintático. A única exceção foi verificada nos resultados do grupo avançado para a condição de ilha forte, em que a construção “com clítico”, que se previu paralela a DEC, apresentou resultados iguais a Top. No entanto, talvez esta exceção não tenha grande expressão, dado o facto de se tratar de valores baixos até 33% (valor da DEC), em que a variação não pode ser muito ampla. De referir, igualmente, que a previsão é de que Top e objeto nulo exibam comportamentos idênticos, não necessariamente DEC e construções com clíticos.

Postos estes resultados, podemos afirmar que, ainda que não se assista a uma Transferência Plena, parece assistir-se a um Acesso Pleno à Gramática Universal, uma vez que os resultados do grupo avançado foram muito próximos dos do grupo de controlo, o que parece revelar uma aquisição das propriedades semânticas e sintáticas da L2. Na verdade, ainda que não se assista a transferência no que respeita à especificidade, pareceu haver algum efeito de transferência na rejeição de Top em contextos encaixados, pelo grupo avançado.

Foi interessante verificar, no entanto, que ambos os grupos (elementar e avançado) desenharam um padrão de escolhas, preferindo sempre a hipótese DEC em relação a Top, ou Construções com Clítico em relação a ON. Partindo de uma hipótese proposta em Abalada (2011), esta preferência por DEC poderá ser de esperar, com base na Hipótese da Complexidade Derivacional (Jakubowicz, 2004, 2005). Admitindo que, em PE, os objetos



diretos em estruturas de Topicalização de objeto direto são derivados por movimento (Duarte 1987, 1996) e que os objetos diretos em estruturas de Deslocação à Esquerda Clítica são projetados diretamente na sua posição de superfície (Duarte, 1987, 1996), poder-se-á esperar preferência por parte dos falantes não nativos pela Deslocação à Esquerda Clítica, em detrimento da Topicalização, dada a menor complexidade de uma estrutura (que não envolve movimento) face a outra (que envolve).

## 6. Conclusões

Neste trabalho testámos a sensibilidade de aprendentes de português L2, falantes de espanhol L1, à especificidade dos tópicos e a certas restrições sintáticas, em construções de Top e Objeto Nulo, no intuito de investigar se os juízos feitos pelos falantes revelam influência da gramática da língua materna, e/ou uma aquisição em progresso ou já uma aquisição plena das propriedades da gramática da língua segunda.

Analisando os resultados das três tarefas aplicadas (uma tarefa de produção de construções de topicalização, uma tarefa de produção de construções de objeto nulo e uma tarefa de juízos de gramaticalidade), pudemos concluir que, contrariamente ao previsto pela hipótese de Transferência Plena/Acesso Pleno proposta por Schwartz & Sprouse (1994, 1996), o grupo elementar não apresentou dados de transferência da L1 no que às condições de especificidade diz respeito. No entanto, este grupo pareceu responder de forma padronizada, ao longo do teste, optando por DEC em maior percentagem, em todas as condições, o que, seguindo Abalada (2011), se poderá dever a uma questão de complexidade de processamento (DEC seria mais fácil de processar que Top). Relativamente ao grupo avançado, tanto para as condições de especificidade como para as condições sintáticas, a proximidade do grupo de controlo foi evidente, o que permitiu concluir que, de facto, estas propriedades já foram adquiridas e que, contrariamente ao proposto por Sorace (2003) e outros, as propriedades interpretativas não são vulneráveis em estádios avançados de aquisição, o que não aconteceria com as propriedades puramente sintáticas – que seriam precocemente adquiridas. Há que ter em conta, no entanto, o estatuto da propriedade interpretativa testada – semânticas, pragmática, etc.

Por fim, o paralelismo entre as construções de Top e de Objeto Nulo parece ter sido, de facto, estabelecido.

Para trabalhos posteriores, talvez fosse importante alargar a amostra e fazer uma análise individual, de forma a poder contrastar-se a análise de grupo com a análise por indivíduo (cf. Grüter 2004). Através do aumento do número da amostra, seria igualmente possível fazer uma análise estatística dos dados – pouco honesta, neste caso, tendo em conta o facto de o número de elementos ser muito inferior a 30 ( $N < 30$ ).

Termino esta Tese na primeira pessoa, porque estas palavras não são mais ninguém senão eu mesma. Deste modo, e por saber que nenhuma paixão acaba assim, faço deste parágrafo o mote e não o fim.

## Referências Bibliográficas

- Abalada, S. (2011) *Aquisição de Estruturas com Constituintes nas Periferias Esquerda e Direita da Frase em Português Europeu*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Adragão, M. M. & J. Costa (2004): “On the Status of Preverbal Subjects in Null Subject Languages: Evidence from Acquisition”. In J. van Kampen & S. Baauw (eds.): *Proceedings of GALA 2003 (Generative Approaches to Language Acquisition)*. Utrecht: LOT Occasional Series.
- Adragão, M. M. (2005): “Compreensão da Ordem de Palavras na Aquisição do Português Europeu”. Comunicação apresentada no *XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto, 28 a 30 de Setembro.
- Alamillo, A. R. & S.A. Schwenter (2007) “Null Objects and Neuter *lo*: A Cross-Dialectal Variationist Analysis”. In J. Holmquist et al. (orgs.), *Selected Proceedings of the Third Workshop on Spanish Sociolinguistics*, pp. 113-121. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.
- Averbug, M. (2008) *Aquisição em português brasileiro: o parâmetro do objeto nulo*. Dissertação de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Arregui, K. (2003) “Clitic-Left Dislocation is Contrastive Topicalization” In *Proceedings of the 26th Annual Penn Linguistics Colloquium*, pp. 31-44.
- Baltin, M.R. (1982) “A Landing Site Theory of Movement Rules”. In *Linguistic Inquiry* 13, pp. 1-38.
- Barbosa, P. (2005) “Minimalidade e Predicação”. In F. Oliveira & J. Barbosa.(orgs.), *XXI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Textos seleccionados*, pp. 183-201. Lisboa: Edições Colibri.
- Bosque, I. & V. Demonte (1999) *Gramática descriptiva de la lengua española*. Real Academia Espanhola: Colección Nebrija e Belo, Espasa.vol. II.
- Carrilho, E. (1994) *A Topicalização e a Construção de Objeto Nulo no Desenvolvimento Sintático do Português Europeu (a produção espontânea de duas crianças dos 2;00 aos 3;03 anos)*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Cinque, G. (1990) *Types of A'-Dependencies*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

- Contreras, H. (1976) *A theory of word order with special reference to Spanish*. Amsterdam: North Holland.
- Costa, J. & I. Duarte (2003) “Objetos nulos em debate”. In I. Castro & I. Duarte (eds) *Razão e Emoção. Miscelânea de Estudos Oferecida a Maria Helena Mateus pela sua Jubilação*, Vol I., pp. 249-260. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Costa, J. & M. Lobo (2007) Complexidade e omissão de clíticos: o caso dos reflexos. In A. Coutinho & M. Lobo (eds.) *Textos Seleccionados do XXII Encontro Nacional da APL*, pp. 303-313. Lisboa: APL/Colibri,.
- Carmona, J., J. Costa, M. Lobo & C. Silva (2008) “Clitic Omission in European Portuguese: Correlation with Null Objects?” In A. Gavarrò & M. J. Freitas (eds.) *Language Acquisition and Development. Proceedings of GALA 2007*, pp. 133-143. Cambridge Scholars Publishing.
- Costa, J. & M. Lobo (2008) “Omissão de clíticos na aquisição do português europeu: dados da compreensão”. In *Textos Seleccionados, XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 143- 156. APL/Colibri, Lisboa.
- Costa, J. & M. Lobo (2010) “Clitic Omission is Null Object: Evidence from Comprehension”. In J. Costa, A. Castro, M. Lobo & F. Pratas (eds.) *Language Acquisition and Development*, pp. 96-106. Newcastle: Cambridge Scholars Press.
- Costa, J., M. Lobo & C. Silva (2011) “Which category replaces an omitted clitic? The case of European Portuguese”. In P. Larranaga & P. Guijarro-Fuentes (eds.). *Pronouns and Clitics in Early Language*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Culicover, P.W. (1992) “Topicalization, Inversion and Complementizers in English”. In D. Delfitto, M. Everaert, A. Evers & F. Stuurman (org.), *Going Romance and Beyond*. University of Utrecht, Research Institute for Language and Speech: OTS Working Papers.
- De Cat, C. (2009). “Experimental Evidence for Preschoolers Mastery of Topic” In *Language Acquisition*. pp. 224-239
- Domínguez, L. (2007). “The L2 Acquisition of Spanish focus: a Case of Incomplete and Divergent Grammars”. In Baauw, S., van Kampen J., and Pinto, M. *The Acquisition of Romance Languages. Selected Papers from The Romance Turn II*, Utrecht: LOT (LOT Occasional Series 8), pp. 45-57.

- Domínguez, L. & M. J. Arche (2008). "Optionality in L2 grammars: the acquisition of SV/VS contrast in Spanish". In *Proceedings of BUCLD 32*, H. Chan, H. Jacob and E. Kapia (eds.), pp. 96-107. Somerville, MA : Cascadilla Press.
- Duarte, I. (1987) *A Construção de Topicalização na Gramática do Português. Regência e Ligação e Condições sobre Movimento*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Duarte, I. (2003) "Frases com tópicos marcados" In M. H. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte & I. Hub Faria (orgs.), *Gramática da Língua Portuguesa*, pp. 489-506. Lisboa: Editorial Caminho.
- Ferdinand, A. (2002). "Acquisition of Topic marking in L2 French". In Hans Broekhuis & Paula Fikkert, eds., *Linguistics in the Netherlands 2002*, 49-59.
- Gavarró, A. & M. Mosella (2009) "Testing syntactic and pragmatic accounts of clitic omission". In *Proceedings of the Third Conference on Generative Approaches to Language Acquisition*, J. Crawford, K. Otaki, and M. Takahashi (eds.), pp. 25–35. Somerville, Cascadilla Press.
- Givón, T. (1979) *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press.
- Grüter, T. (2006) "Object (Clitic) Omission in L2 French: Mis-setting or Missing Surface Inflection?" In M. G. O'Brien, C. Shea & J. Archibald (eds.) *Proceedings of the 8th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2006)*, pp. 63-71. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.
- Grüter, T. & Martha C. (2010) "The roles of L1 transfer and processing limitations in the L2 acquisition of French object clitic constructions: Evidence from Chinese- and Spanish-speaking learners" In K. Franich, K. M. Iserman & L. L. Keil (eds.) *Proceedings of the 34th Annual Boston University Conference on Language Development (BUCLD)*. pp. 150-161. Somerville, MA: Cascadilla Press.
- Higgins, F. R. (1973). "On J. Emond's Analysis of Extraposition. Syntax and Semantics 2". In Kimball, JP ed., *Sintaxe e Semântica. Vol. 2*, pp. 149-195. New York: Academic Press.
- Huang, J. C.-T. (1984) "On the Distribution and Reference of Empty Pronouns". In *Linguistic Inquiry* 15, pp. 531-574.

- Ivanov, I. (2009). *Second Language Acquisition of Bulgarian Object Clitics: A Test case for the Interface Hypothesis*. Unpublished Ph.D. thesis, University of Iowa
- Jakubowicz, C. & N. Strik (2008): "Scope-marking Strategies in the Acquisition of Long Distance Wh-Questions in French and Dutch". *In Language and Speech* 51 (1 & 2).
- Jakubowicz, C. (2011) "Measuring Derivational Complexity: New Evidence from Typically Developing and SLI Learners of L1 French." *In Lingua* 121 (3).
- Kayne, R.S. and J.-Y. Pollock (2001) "New Thoughts on Stylistic Inversion". *In Inversion in Romance*, A. Hulk and J.-Y. Pollock (eds.), pp. 107-162. Oxford University Press, New York (reprinted in Kayne (2005)).
- Lardiere, D. (1998b) "Dissociating syntax from morphology in a divergent L2 end-state Grammar". *In Second Language Research* 14(4), pp. 359-375.
- Lasnik, H. & M. Saito (1992) *Move  $\alpha$  – Conditions on Its Application and Output*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Matos, G. (2003) "Construções Elípticas". *In* Mateus, M.H., A. Brito, Duarte, I., Faria, I., Frota, S. Matos, G., Oliveira, F., Vigário, M., Villalva, A., *Gramática da Língua da Língua Portuguesa*, cap. 21. Lisboa, Caminho.
- Montrul, S., R. Foote, S. Perpiñán, D. Thornhill & S. Vidal (2006) "Full Access and Age Effects in Adult Bilingualism: An Investigation of Spanish Acusative Clitics and Word Order". *In* N. Sagarra & J.T. Almeida (orgs.), *Selected Proceedings of the 9th Hispanic Linguistics Symposium*, pp. 217-228. Sommerville, MA: Cascadia Proceedings Project.
- Parodi, T. (2003) "Clitic Doubling and Clitic-Left Dislocation in Spanish and Greek as Native and as L2 Grammars". *In* Klaus von Stechow & Georg A. Kaiser (eds.) 2003. *Proceedings of the Workshop "Semantic and Syntactic Aspects of Specificity in Romance Languages"*. Arbeitspapier 113, pp. 103-117. Fachbereich Sprachwissenschaft, Universität Konstanz.
- Prévost, P. & L. White (2000). "Missing Surface Inflection or Impairment in second language acquisition? Evidence from tense and agreement." *In Second Language Research* 16(2), pp. 103-133.
- Prévost, P. (2006). "The phenomenon of object omission in child L2 French". *In Bilingualism: Language and Cognition*, 9, 263-280.

- Raposo, E. (1986) “On the Null Object in European Portuguese” In O. Jaeggli & C. Silva-Corvalán (orgs.) *Studies in Romance Linguistic*. pp. 373-390. Dordrecht: Foris.
- Raposo, E. (1998) “Definite/Zero Alternations in Portuguese: Towards a Unification of Topic Constructions”. In A. Schwegler, E. Tranel & M. Uribe-Etxebarria (orgs.), *Romance Linguistics: Theoretical Perspectives*, pp. 197-212. Amsterdam: John Benjamins.
- Rizzi, L. (1997) “The fine structure of the left periphery”. In L. Haegeman (org.), *Elements of grammar: Handbook in Generative Syntax*, pp. 281-337. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Robertson, D. & A. Sorace. (1999). “Losing the V2 constraint”. In E. Klein and G. Martohardjono (eds.) *The Development of Second Language Grammars. A Generative Approach*. Amsterdam: John Benjamins.
- Schafer, A. & Speer, S.R. (1997) “The effect of intonational phrasing on lexical Interpretation”. Paper presented at the Tenth Annual CUNY Conference on Human Sentence Processing, Santa Monica, CA.
- Schwartz, B.D. & R.A. Sprouse. (1994). “Word order and Nominative Case in nonnative language acquisition: A longitudinal study of (L1 Turkish) German Interlanguage”. In T. Hoekstra & B.D. Schwartz, eds., *Language Acquisition Studies in Generative Grammar*, pp. 317-68. Amsterdam: John Benjamins..
- Slabakova, R. and Ivanov, I. (2011). “A more careful look at the syntax-discourse interface”. In *Lingua* 121, 637–651.
- Soares, C. (2006) *La Syntaxe de la Périphérie Gauche en Portugais Européen et son Acquisition*. Tese de Doutoramento, Université de Paris 8.
- Sorace, A. (2003). “Near-nativeness. In M. Long and C. Doughty (eds.)”. In *Handbook of Second Language Acquisition Theory and Research*, pp. 130-152. Oxford: Blackwell.
- Sportiche, D. (1996) “Clitic Constructions”. In J. Rooryck and L. Zaring (eds.) *Phrase Structure and the Lexicon*. pp. 213-276. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Tsimpli, I. M. & A. Sorace (2006) “Differentiating Interfaces: L2 performance in syntax-semantics and syntax-discourse phenomena”. In *BUCLD Proceedings* 30, pp. 653-664.



- Valenzuela, E. (2006) “L2 end state grammars and incomplete acquisition of Spanish CLLD constructions”. In R. Slabakova *et al.* (eds.) *Inquiries in Linguistic Development: In Honor of Lydia White*, pp. 283-304. Amsterdam: John Benjamins.
- Van der Linden, E. & P. Sleeman (2007) “Clitic dislocation: evidence for a low topic position’, In “Linguistics in the Netherlands 2007”, edited by B. Los & M. Van Koppen, pp. 173-187. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Wexler, K., A. Gavarró & V. Torrens (2003) “Feature checking and object clitic omission in child Catalan and Spanish.” In R. Bok-Bennema, B. Hollebrandse and B. Kampers-Manhe (eds.) *Selected Papers from Going Romance 2002*.
- Wexler, K. (2003). “Lenneberg’s dream: Learning, normal language development, and specific language impairment”. In Y. Levi & J. Schaeffer (eds.), *Language Competence across Populations: Toward a Definition of Specific Language Impairment*, pp. 11–61. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- White, L. (2003) *Second Language Acquisition and Universal Grammar*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Zyzik, E. (2006). “Looking for missing objects in L2 Spanish”. In N. Sagarra and A.J. Toribio (Eds.), *Selected Proceedings of the 9th Hispanic Linguistics Symposium*, pp. 192-202. Somerville, MA: Cascadia Press.
- Zubizarreta, M. L. (1998) *Prosody, focus, and word order*. Linguistic Inquiry Monograph 33. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- Zubizarreta, M. L. (2001). “The Constraint on Preverbal Subjects in Romance Interrogatives: A Minimality Effect”. In *Subject Inversion in Romance and the Theory of Universal Grammar*, ed. by Hulke A. & Pollock J.-Y., pp. 183-204. New York: Oxford University Press.

# **Anexos**

**Anexo 1: Tabela de Itens da Tarefa 1 (Produção Topicalização)**

Ordem	Condição	Item	Respostas
	Top	<p>comeu o bolo o João ao lanche</p> <p>Questão: A mãe do João fez um bolo de chocolate de manhã. Quando chegou à cozinha, não encontrou o bolo. O que é que aconteceu ao bolo?</p>	<p>3- O João comeu o bolo ao lanche.</p> <p>4- O bolo, o João comeu ao lanche.</p>
	N Top	<p>comeu o bolo o João ao lanche</p> <p>Questão: A mãe do João fez um bolo de chocolate enorme, de manhã. Quando chegou a casa, o João estava muito mal disposto. O que é que aconteceu?</p>	<p>1. O João comeu o bolo ao lanche.</p>
	Top	<p>lavou o carro o Pedro à tarde</p> <p>Questão: Quando o pai do Pedro chegou a casa, viu o carro muito brilhante. O que é que aconteceu ao carro?</p>	<p>1- O Pedro lavou o carro à tarde.</p> <p>2- O carro, o Pedro lavou à tarde.</p>

	N Top	<p>lavou o carro o Pedro à tarde</p> <p>Questão: O pai do Pedro chegou a casa e viu o chão da garagem molhado. O que é que aconteceu?</p>	<p>1. O Pedro lavou o carro à tarde</p>
	Top	<p>pintou a sala a Joana de manhã</p> <p>Questão: Quando o Miguel chegou a casa, viu que a sala estava diferente. O que é que aconteceu à sala?</p>	<p>1- A Joana pintou a sala de manhã.</p> <p>2- A sala, a Joana pintou de manhã.</p>
	N Top	<p>pintou a sala a Joana de manhã</p> <p>Questão: Quando o Miguel chegou, viu que a casa estava diferente. O que é que aconteceu?</p>	<p>1- A Joana pintou a sala de manhã.</p>
	Top	<p>perdeu o doce a Maria na escola</p> <p>Questão: A mãe da Maria pôs um doce na mochila. Quando a Maria foi procurar o doce, ele não estava lá. O que é que aconteceu ao doce?</p>	<p>1- A Maria perdeu o doce na escola.</p> <p>2- O doce, a Maria perdeu na escola.</p>
	N Top	<p>perdeu</p>	<p>1- A Maria perdeu o doce na escola.</p>

		<p>o doce a Maria na escola</p> <p>Questão: A Maria levou um doce na mochila. Quando voltou para casa estava a chorar. O que é que aconteceu?</p>	
	Top	<p>deixou o computador o Luís no trabalho</p> <p>Questão: Quando a Filipa chegou a casa, não encontrou o computador. O que é que aconteceu ao computador?</p>	<p>1- O Luís deixou o computador no trabalho. 2- O computador, o Luís deixou no trabalho.</p>
	N Top	<p>deixou o computador o Luís no trabalho</p> <p>Questão: Quando a Filipa chegou a casa, notou que o Luís não estava a trabalhar. O que é que aconteceu?</p>	<p>1- O Luís deixou computador no trabalho.</p>

**Anexo 2: Tabela de Itens da Tarefa 2 (Produção Objeto Nulo)**

Condição	Item	Resposta
ON	A: O menino ligou a luz? B: _____	“ligou”
ON	A: O menino escreveu a carta? B: _____	“escreveu”
ON	A: A menina apanhou a bola? B: _____	“apanhou”
ON	A: O menino abraçou a boneca? B: _____	“abraçou”
ON	A: O menino comeu a sopa? A: _____	“comeu”
Clítico	(O menino a ligar a lanterna.) B: O menino apagou a lanterna? A: _____	“ligou-a”
Clítico	(A menina a apanhar a bola.) B: A menina chutou a bola? A: _____	“apanhou-a”
Clítico	(O menino a escrever a carta.) B: O menino abriu a carta? A: _____ (não, não abriu. Então o que é que fez à carta? Escreveu-a)	“escreveu-a”
Clítico	(O menino a abraçar a boneca) B: O menino beijou a boneca? A: _____	“abraçou-a”
Clítico	(O menino a comer a sopa.) B: O menino estragou a sopa? A: _____	“comeu-a”
Dist	O menino ligou um rádio?	“uma lanterna”

Dist	O menino escreveu um livro?	“uma carta”
Dist	A menina apanhou um pássaro?	“uma bola”
Dist	O menino abraçou o cão?	“uma boneca”
Dist	O menino comeu um doce?	“uma sopa”
Dist	O menino ligou uma televisão?	“uma lanterna”
Dist	A menina apanhou uma borboleta?	“uma bola”
Dist	O menino escreveu um jornal?	“uma carta”
Dist	O menino abraçou um gato?	“uma boneca”
Dist	O menino comeu um gelado?	“uma sopa”

### Anexo 3: Tabela de Itens da Tarefa 3 (Juízos de Gramaticalidade)

	<b>Topicalização</b>	<b>Objecto Nulo</b>
<b>+ Específico</b>	O que é que aconteceu à revista? 1- A revista, o João arrumou no armário. 2- A revista, o João arrumou-a no armário.	Sabes o que é que o João fez? 1- Comprou a ¡Hola! e leu durante a tarde. 2- Comprou a ¡Hola! e leu-a durante a tarde.
<b>+ Específico</b>	O que é que aconteceu à boneca? 1- A boneca, a Maria levou para casa. 2- A boneca, a Maria levou-a para casa.	Sabes o que é que a Maria fez? 1- Arranjou a mota e vendeu à vizinha. 2- Arranjou a mota e vendeu-a à vizinha.
<b>+ Específico</b>	O que é que aconteceu à fotografia? 1- A fotografia, o Pedro ofereceu à irmã. 2- A fotografia, o Pedro ofereceu-a à irmã.	Sabes o que é que o Pedro fez? 1- Fez a tarte da avó e comeu ao lanche. 2- Fez a tarte da avó e comeu-a ao lanche.
<b>- Específico</b>	Preferes cães ou gatos? 1- Cães, eu adoro, gatos não. 2- Cães, eu adoro-os, gatos não.	Qual é o teu prato favorito? 1- Adoro gambas e compro frequentemente. 2- Adoro gambas e compro-as frequentemente.
<b>- Específico</b>	Compras mais livros ou CD's? 1- Livros, eu compro todas as semanas, CD's não. 2- Livros, eu compro-os todas as semanas, CD's não.	Qual é o teu doce favorito? 1- Adoro bolos e faço todos os meses. 2- Adoro bolos e faço-os todos os meses.
<b>- Específico</b>	Vendes mais carros ou motas? 1- Motas, eu vendo	Qual é o teu vinho favorito? 1- Adoro brancos e



	<p>todos os dias, carros não.</p> <p>2- Motas, eu vendo-as todos os dias, carros não.</p>	<p>bebo todos os dias.</p> <p>2- Adoro brancos e bebo-os todos os dias.</p>
<b>Ilhas Fortes</b>	<p>O Pedro comprou aquela bola?</p> <p>1- Aquela bola, o Pedro só descansou quando a mãe comprou.</p> <p>2- Aquela bola, o Pedro só descansou quando a mãe a comprou.</p>	<p>Quando é que o João comprou o carro?</p> <p>1- Ele comprou o carro quando a loja recebeu.</p> <p>2- Ele comprou o carro quando a loja o recebeu.</p>
<b>Ilhas Fortes</b>	<p>O Miguel conseguiu ver o filme?</p> <p>1- O filme, o Miguel adormeceu quando o Pedro pôs.</p> <p>2- O filme, o Miguel adormeceu quando o Pedro o pôs.</p>	<p>Quando é que a Maria leu o livro?</p> <p>1- Ela leu o livro quando a mãe comprou.</p> <p>2- Ela leu o livro quando a mãe o comprou.</p>
<b>Ilhas Fortes</b>	<p>A Maria queria vender o carro?</p> <p>1- O carro, a Maria chorou quando o pai vendeu.</p> <p>2- O carro, a Maria chorou quando o pai o vendeu.</p>	<p>Quando é que o Pedro comprou o carro?</p> <p>1- Ele comprou o carro quando o vizinho vendeu.</p> <p>2- Ele comprou o carro quando o vizinho o vendeu.</p>
<b>Controlo</b>	<p>O João comprou aquela bola hoje?</p> <p>1- Aquela bola, o Pedro acha que o João comprou a semana passada.</p> <p>2- Aquela bolsa, o Pedro acha que o João a comprou a semana passada.</p>	<p>Onde é que está a bola?</p> <p>1- O Pedro acha que o João arrumou no armário.</p> <p>2- O Pedro acha que o João a arrumou no armário.</p>
<b>Controlo</b>	<p>A mãe trouxe aquela revista hoje?</p> <p>1- Aquela revista, a Maria acha que a mãe trouxe ontem.</p> <p>2- Aquela revista, a Maria acha que a mãe a trouxe ontem.</p>	<p>Onde é que está a revista?</p> <p>1- A Maria acha que a mãe meteu no cesto.</p> <p>2- A Maria acha que a mãe a meteu no cesto.</p>

Nome:
Idade:
Nacionalidade:
Nível:
Outras Línguas:
Durante quanto tempo?



Neste exercício, só tens de ler a pergunta e responder. Como? **Arrasta** as caixas e **organiza-as** para formar frases que respondam à pergunta. Podes criar **no máximo 2** frases. Vê os exemplos seguintes:

deu      o João      o livro      ao irmão

**Pergunta 1:** O que é que aconteceu?

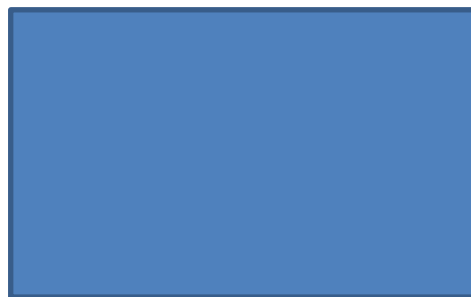
**Resposta:** O João deu o livro ao irmão.

**Pergunta 2:** O que é que aconteceu ao livro?

**Resposta:** O João deu o livro ao irmão.

O livro o João deu ao irmão

Vamos treinar. Move os quadrados!



Preparado/a?

A mãe do João fez um bolo de chocolate de manhã.  
Quando chegou à cozinha, não encontrou o bolo. **O que é  
que aconteceu ao bolo?**

comeu

o bolo

o João

ao lanche

1.

2.

A mãe do João fez um bolo de chocolate enorme, de manhã. Quando chegou a casa, o João estava muito mal disposto. **O que é que aconteceu?**

comeu

o bolo

o João

ao lanche

1.

2.

Quando o pai do Pedro chegou a casa, viu o carro muito brilhante. **O que é que aconteceu ao carro?**

lavou

o carro

o Pedro

à tarde

1.

2.

O pai do Pedro chegou a casa e viu o chão da garagem molhado. **O que é que aconteceu?**

lavou

o carro

o Pedro

à tarde

1.

2.



Quando o Miguel chegou a casa, viu que a sala estava diferente. **O que é que aconteceu à sala?**

pintou

a sala

a Joana

de manhã

1.

2.

Quando o Miguel chegou, viu que a casa estava diferente. **O que é que aconteceu?**

pintou

a sala

a Joana

de manhã

1.

2.

A mãe da Maria pôs um doce na mochila. Quando a Maria foi procurar o doce, ele não estava lá. **O que é que aconteceu ao doce?**

perdeu

**o doce**

a Maria

na escola

1.

2.

A Maria levou um doce na mochila. Quando voltou para casa, estava a chorar. **O que é que aconteceu?**

perdeu

o doce

a Maria

na escola

1.

2.

Quando a Filipa chegou a casa, não encontrou o computador. **O que é que aconteceu ao computador?**

deixou

o computador

o Luís

no trabalho

1.

2.

Quando a Filipa chegou a casa, notou que o Luís não estava a trabalhar. **O que é que aconteceu?**

deixou

o computador

o Luís

no trabalho

1.

2.

*Obrigada!*

Imagem	Condição	Frase Estímulo	Resposta
O menino acendeu a lanterna.	Dist	O menino ligou um rádio?	
O menino escreveu a carta.	Clítico	O menino abriu a carta?	
A menina apanhou a bola.	Dist	A menina apanhou um pássaro?	
O menino comeu a sopa.	ON	O menino comeu a sopa?	
O menino abraçou a boneca.	Dist	O menino abraçou um cão?	
O menino acendeu a lanterna.	Clítico	O menino desligou a lanterna?	
O menino escreveu a carta.	Dist	O menino escreveu um livro?	
A menina apanhou a bola.	ON	A menina apanhou a bola?	
O menino comeu a sopa.	Dist	O menino comeu um doce?	
O menino abraçou a boneca.	Clítico	O menino beijou a boneca?	
O menino acendeu a lanterna.	Dist	O menino ligou a televisão?	
O menino escreveu a carta.	ON	O menino escreveu a carta?	
A menina apanhou a bola.	Dist	A menina apanhou uma borboleta?	
O menino comeu a sopa.	Clítico	O menino estragou a sopa?	
O menino abraçou a boneca.	Dist	O menino abraçou um gato?	
O menino acendeu a lanterna.	ON	O menino acendeu a lanterna?	
O menino escreveu a carta.	Dist	O menino escreveu um jornal?	
A menina apanhou a bola.	Clítico	A menina chutou a bola?	
O menino comeu a sopa.	Dist	O menino comeu um gelado?	
O menino abraçou a boneca.	ON	O menino abraçou a boneca?	



### Resultados da Tarefa de Produção de Topicalização por Indivíduo (Elementar)

[illegible]

### Resultados da Tarefa de Produção de Topicalização por Indivíduo (Controlo)

[illegible]

### Resultados da Tarefa de Produção de Topicalização por Indivíduo (Elementar)

[illegible]

### Resultados da Tarefa de Produção de Objetos Nulos por Indivíduo (Elementar)

[illegible]

### Resultados da Tarefa de Produção de Objetos Nulos por Indivíduo (Controlo)

[illegible]

### Resultados da Tarefa de Produção de Objetos Nulos por Indivíduo (Avançado)

[illegible]

## Resultados da Tarefa de Juízos de Gramaticalidade por Indivíduo (Elementar)

Condições	Nº	Indivíduos														
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Esp Top	1	1	0	1	0	0	0	1	0	1	1	0	0	1	1	0
	26	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0
	28	1	0	1	0	0	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0
Esp ON	3	0	1	1	0	1	1	0	0	1	0	1	1	1	1	1
	5	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	1	1	1	1
	29	1	1	1	1	0	1	0	0	1	1	0	0	1	1	0
Esp DEC	4	1	1	1	1	0	0	1	0	1	1	1	0	1	1	1
	6	1	1	1	1	0	1	0	0	0	0	1	1	1	1	1
	23	0	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	0
Esp Clítico	8	0	1	1	1	1	1	1	0	0	0	1	0	1	1	1
	24	0	1	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0	0	1	1
	27	0	1	1	1	0	0	0	1	1	0	0	1	0	1	0
N Esp Top	9	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	1	1	1	0	0
	32	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	14	0	0	1	1	1	1	1	0	1	1	0	0	0	0	1
N Esp ON	10	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	33	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	36	0	0	0	0	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1
N Esp DEC	11	1	1	1	0	1	1	1	1	0	0	0	1	1	0	0
	30	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	0	0
	35	0	0	1	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0
N Esp Clítico	13	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1	0	0
	15	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	0	0
	31	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	0
Raiz Top	1	1	0	1	0	0	0	1	0	1	1	0	0	1	1	0
	26	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0
	28	1	0	1	0	0	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0
Raiz ON	3	0	1	1	0	1	1	0	0	1	0	1	1	1	1	1
	5	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	1	1	1	1
	29	1	1	1	1	0	1	0	0	1	1	0	0	1	1	0
Raiz DEC	4	1	1	1	1	0	0	1	0	1	1	1	0	1	1	1
	6	1	1	1	1	0	1	0	0	0	0	1	1	1	1	1
	23	0	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	0
Raiz Clítico	8	0	1	1	1	1	1	1	0	0	0	1	0	1	1	1
	24	0	1	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0	0	1	1
	27	0	1	1	1	0	0	0	1	1	0	0	1	0	1	0
Enc. Top	22	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1
	34	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0
Enc. ON	2	1	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0
	41	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0
Enc. DEC	12	0	0	0	1	1	0	0	0	1	1	1	1	0	1	0
	25	0	1	0	0	1	0	0	0	1	1	1	0	1	1	1
Enc. Clítico	7	1	1	1	1	1	0	1	1	0	0	1	1	1	1	0
	44	1	1	1	1	1	0	0	0	1	0	1	0	0	1	1
IF Top	37	0	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0

	39	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	0	0
	42	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
IF ON	17	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
	19	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
	43	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
IF DEC	16	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	18	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0
	20	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0
IF Clítico	21	1	1	1	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0
	38	1	0	0	1	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0
	40	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0

> Os mesmos itens estão representados em secções diferentes para uma melhor análise



### Resultados da Tarefa de Juízos de Gramaticalidade por Indivíduo (Avançado)

		Indivíduos														
Condições	Nº	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Esp Top	1	1	1	1	0	0	0	1	0	1	1	1	1	1	1	1
	26	1	0	1	1	1	1	1	0	0	0	0	1	1	1	1
	28	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0
Esp ON	3	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1
	5	1	1	1	1	0	1	1	0	0	0	1	0	1	1	1
	29	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0
Esp DEC	4	1	1	1	1	0	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1
	6	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1
	23	0	1	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	0	1	0
Esp Clítico	8	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	24	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1
	27	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0
N Esp Top	9	1	1	0	0	0	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1
	32	1	1	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	1	1	1
	14	1	1	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
N Esp ON	10	0	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	33	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	36	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1
N Esp DEC	11	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0
	30	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0	1	0	0
	35	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0
N Esp Clítico	13	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0
	15	0	0	0	0	1	0	1	1	0	0	0	1	1	0	0
	31	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0
Raiz Top	1	1	1	1	0	0	0	1	0	1	1	1	1	1	1	1
	26	1	0	1	1	1	1	1	0	0	0	0	1	1	1	1
	28	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0
Raiz ON	3	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1
	5	1	1	1	1	0	1	1	0	0	0	1	0	1	1	1
	29	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0
Raiz DEC	4	1	1	1	1	0	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1
	6	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1
	23	0	1	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	0	1	0
Raiz Clítico	8	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	24	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1
	27	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0
Enc. Top	22	0	0	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	34	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	0	0	1	1	1
Enc. ON	2	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	41	1	1	0	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	0
Enc. DEC	12	0	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	0
	25	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1
Enc. Clítico	7	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	0
	44	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1
IF Top	37	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

	39	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0
	42	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
IF ON	17	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0
	43	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
IF DEC	16	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0
	18	0	1	1	1	1	0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0
	20	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0
IF Clítico	21	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	38	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
	40	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0

> Os mesmos itens estão representados em secções diferentes para uma melhor análise

## Resultados da Tarefa de Juízos de Gramaticalidade por Indivíduo (Controlo)

Condições	Nº	Indivíduos														
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Esp Top	1	1	1	1	0	0	0	1	0	1	1	1	1	1	1	1
	26	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	28	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0
Esp ON	3	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1
	5	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	29	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0
Esp DEC	4	1	1	1	1	0	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1
	6	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	23	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0
Esp Clítico	8	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	24	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1
	27	0	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	0
N Esp Top	9	1	1	1	1	0	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1
	32	1	1	1	1	0	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1
	14	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
N Esp ON	10	0	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	33	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	36	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1
N Esp DEC	11	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
	30	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0
	35	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0
N Esp Clítico	13	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	15	0	0	0	0	1	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0
	31	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0
Raiz Top	1	1	1	1	0	0	0	1	0	1	1	1	1	1	1	1
	26	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	28	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0
Raiz ON	3	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1
	5	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	29	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0
Raiz DEC	4	1	1	1	1	0	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1
	6	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	23	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0
Raiz Clítico	8	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	24	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1
	27	0	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	0
Enc. Top	22	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
	34	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
Enc. ON	2	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0
	41	1	1	0	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	0
Enc. DEC	12	0	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	0
	25	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1
Enc. Clítico	7	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	0
	44	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1
IF Top	37	0	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0

	39	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	42	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
IF ON	17	0	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0
	19	1	0	0	1	1	0	0	1	1	1	1	1	0	0	0
	43	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
IF DEC	16	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	18	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
	20	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
IF Clítico	21	1	1	1	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0
	38	1	0	0	1	1	0	1	1	1	1	1	1	0	0	0
	40	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0

> Os mesmos itens estão representados em secções diferentes para uma melhor análise